

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA**

ANDREZA VIDINHA DE PAULA

**NO LEVAR DA CORRENTEZA: FIGURAÇÕES NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DO
TUPÉ**

MANAUS

2018

ANDREZA VIDINHA DE PAULA

**NO LEVAR DA CORRENTEZA: FIGURAÇÕES NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DO
TUPE**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. João Bosco Ladislau de Andrade

MANAUS

2018

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P324n Paula, Andreza Vidinha de
No levar da correnteza : Figurações na comunidade São João do
Tupé / Andreza Vidinha de Paula. 2018
109 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: João Bosco Iadislau de Andrade
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Turismo. 2. Comunidade. 3. Figuração. 4. Sustentabilidade. I.
Andrade, João Bosco Iadislau de II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

ANDREZA VIDINHA DE PAULA

**NO LEVAR DA CORRENTEZA: FIGURAÇÕES NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DO
TUPÉ**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. João Bosco Ladislau de Andrade – UFAM/PPGSCA
Presidente

Prof. Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos – UFAM/PPGSCA
Membro

Prof. Dr. Jocilene Gomes da Cruz – UEA/PPGICH
Membro



PODER EXECUTIVO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA



ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DA ALUNA
ANDREZA VIDINHA DE PAULA

Aos oito dias do mês de agosto do ano de dois mil e dezoito, às 14h30min (quatorze horas e trinta minutos), na Sala 13, Bl. Mário Ypiranga, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM ocorreu a sessão Pública de Defesa de Dissertação de Mestrado intitulada ***“NO LEVAR DA CORRENTEZA: FIGURAÇÕES NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DO TUPÉ”*** apresentada pela aluna **ANDREZA VIDINHA DE PAULA**, que concluiu todos os pré-requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, conforme estabelece os Artigos 40 e 41 do Regimento Interno do Curso. Os trabalhos foram instalados pelo Prof. Dr. João Bosco Ladislau de Andrade - UFAM, Orientador e Presidente da Banca Examinadora, que foi constituída, ainda, pelo Prof. Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos – UFAM e pela Prof.^a Dr.^a Jocilene Gomes da Cruz – UEA. A Banca Examinadora, tendo decidido aceitar a dissertação, passou a arguição pública da mestranda. Encerrados os trabalhos, os examinadores expressaram o seguinte parecer:

- Prof. Dr. João Bosco Ladislau de Andrade

Parecer: (APROVADA) Assinatura: João Bosco L. Andrade

- Prof. Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos

Parecer: (APROVADA) Assinatura: Gláucio Campos

- Prof.^a Dr.^a Jocilene Gomes da Cruz

Parecer: (Aprovada) Assinatura: Jocilene Gomes da Cruz

DEDICO

Ao meu amado filho Santiago, um exemplo de compreensão para com a mamãe, me acompanhando em aulas, palestras e bancas, és uma criança maravilhosa. Que eu possa te guiar no caminho do amor.

“Ó Maria, ajuda-nos a coroar nossos filhos com os méritos de filhos seus, com todo o amor que eles merecem. Caminhe com eles, mãezinha, e passe à frente de todos os seus caminhos”.

Pe. Anderson Gomes

“Não é um destino que se cumpre, mas uma escolha que se desdobra. Não acho justo creditar os resultados da vida a movimentos ocultos, forças que não aceitam nossa intervenção. A mim soa mais sensato compreender a vida como um exercício de semeadura. O plantio de hoje já nos indica a colheita de amanhã. E se não florescer, se não for como esperávamos, seguiremos plantando tudo de novo. Cercados de mistério, mas guiados pela sensatez”.

Pe. Fábio de Melo

AGRADECIMENTOS

Gratidão é uma maneira simples e humilde de demonstrar que nossas conquistas dependem do outro tanto quanto de nós mesmos, somos dependentes do outro até mesmo para percebermos a importância do estar só. É através do barulho que aprendemos a valorizar o lindo som do silêncio. Não cheguei até aqui sozinha, mas precisei de momentos em solidão para descrever o que foi visto através do outro.

Sou grata primeiramente a **Deus**, sob minha fé me manteve fortalecida nos momentos de fraqueza. A virgem **Maria Mãe de Jesus**, pelos momentos em que busquei orientação para vencer esta dissertação sem deixar de ser mãe, esposa e mulher, diante do cuidado e carinho merecidos, mas ausente em muitos momentos ao marido compreensível e ao filho amoroso. Sou grata à vida que me proporcionou esta experiência linda, regada de boas amizades e muito conhecimento. Um redescobrimento de mim mesma e de minhas percepções diante do ambiente a minha volta.

Aos meus amados, pai **João Lima de Paula** e mãe **Elzilene da Silva Vidinha**, quero agradecer o apoio financeiro que vinham a calhar em momentos oportunos, pela sensibilidade de pai e mãe que mesmo sendo filha crescida, morando longe há anos ainda se preocupam e rezam toda noite por mim. Tenho orgulho da formação que recebi de vocês.

Sou grata por ter tido em meu caminho um orientador que transpassará as portas da Universidade para a vida, um amigo verdadeiro capaz de falar as palavras certas nos momentos certos, sejam elas doces ou um pouco amargas. **João Bosco Ladislau de Andrade**, agradeço sua imensa paciência em ensinar-me os mínimos detalhes, o carinho para comigo e em especial para com meu filho, que por muitas vezes precisou me acompanhar nas aulas e em nossos encontros de orientação. Sua motivação e encorajamento me fez acreditar no mover das pedras para a construção de castelos. Minha eterna gratidão.

Um agradecimento em especial às eternas amigas do mestrado, compartilhamos das mesmas angústias diante das cobranças do tempo e das obrigações familiares. Obrigada pelos cafés, lanches e almoços compartilhados, que nos permitiam trocar ideias, acalmar a alma ou simplesmente nos sentir bem após longas horas de conversas. Somos verdadeiras torcedoras uma das outras, vibramos diante de cada conquista, nos prestigiemos e nos encorajamos em todas as fases desta vivência no mestrado. Grata, vocês são maravilhosas.

A **Universidade Federal do Amazonas**, uma instituição de ensino linda, que nos provoca o desejo de desbravar o mundo em busca do conhecimento. À fundação **CAPES** do

Ministério da Educação que me providenciou alívio financeiro mediante a bolsa de mestrado, me proporcionando tranquilidade para me dedicar integralmente a pesquisa e a escrita da dissertação.

A todos os Professores que me transmitiram conhecimento, compartilhando suas experiências na pesquisa científica. Meu especial obrigado ao Professor Dr. **Gláucio Campos de Mattos**, que tanto contribuiu com sua tranquilidade e paciência, explicando a aplicabilidade das teorias e conceitos na pesquisa de campo e à Professora Dra. **Rosemara Staub** que durante o exame de qualificação soube dizer as palavras certas para que eu enxergasse o real motivo de se realizar um trabalho científico. Abrindo o leque para a construção de um trabalho crítico e dialético. Através de sua fala busquei compreender o diálogo entre as ciências na tentativa de contribuir criticamente com o turismo no Amazonas.

Meu agradecimento especial à Professora Dra. **Artemis Soares**, sua trajetória acadêmica me inspira, fazendo suscitar em mim a certeza que não importa de onde se vem, mas onde se pode chegar. Estendo meu agradecimento para querida e carismática Professora **Claúdia Menezes**, que me acolheu durante o estágio e docência, me apresentou a Universidade do Estado do Amazonas- UEA por outros olhos. Sua paixão pelo turismo e pelo trabalho que exerce na Universidade é admirável. Aproveito o espaço UEA, para também agradecer as Professoras **Cristiane Barroncas** e **Jocilene Gomes**, pois suas obras e publicações me mostraram tudo que precisei para compreender o turismo no Amazonas, principalmente o turismo exercido em comunidades. O entusiasmo pelo trabalho, pela pesquisa e pela Amazônia emana a todos nós pupilos que almejam percorrer o mesmo caminho do conhecimento.

Aos moradores da comunidade São João do Tupé, Sr. **Jaumir Matias** que me tranquilizou durante o medo suscitado aos sons noturnos emitidos pelos animais na floresta. Em especial a D. **Kelly Moraes** que me acolheu e me proporcionou deliciosas refeições, obrigada pelas longas horas de conversa, pela confiança que em mim depositara ao relatarem suas lutas diárias, seus desejos por melhorias na comunidade e na vida de cada um.

A todos os familiares que mesmo não compreendendo a importância do mestrado em minha vida, foram compreensíveis com minha ausência e ajudaram de forma direta ou indireta para a realização de mais uma conquista.

A todos os leitores, que possam sentir o prazer da leitura através das minhas palavras.

RESUMO

Conhecer a Amazônia faz parte do sonho de muitas pessoas pelo mundo, pessoas que idealizam o Eldorado perdido na floresta Amazônica e nos rios que mesclam o belo cenário. A busca por encantamento, curiosidade ou apenas vontade de conhecer se tornou cada vez mais frequente. O turismo por sua vez começou a oferecer atividades que expande as experiências do turismo na região norte do país, para além de cidades e capitais, chegam a lugares remotos do Amazonas, as conhecidas comunidades ribeirinhas. O turismo praticado em comunidades no Amazonas trouxe uma atividade de lazer e de exploração do território, atingiu os visitantes e os sujeitos moradores das comunidades. As experiências proporcionam verdadeiras trocas culturais, econômicas e sociais, trazendo consigo grandes impactos sob as comunidades receptores e seus sujeitos. Com a pretensão de poder ouvir os moradores da comunidade, entender suas fragilidades e suas transformações a pesquisa se firmou em fazer uma análise do turismo e suas imbricações em meio à realidade vivida. O presente trabalho centra-se na discussão das figurações estabelecidas na comunidade São João do Tupé (locus da pesquisa), localizada na margem esquerda do baixo Rio Negro, acerca de 25 km de Manaus, capital do estado do Amazonas. A escolha por esta comunidade deu-se por seu envolvimento direto e indireto com o turismo, seu conjunto de atrativos potenciais para a criação de um produto turístico. O objetivo central foi identificar as formas de organização adotadas pela comunidade que sofreu e sofre influência política, cultural e social, identificando o reflexo desta influência no modo de vida dos moradores. Utilizamos uma abordagem interpretativa da cultura indígena local, tal técnica se tornou indispensável na compreensão das figurações como todo. Optamos por uma pesquisa qualitativa, com entrevista semiestruturada e a utilização do ensaio etnográfico que nos possibilitou a vivência junto ao modo de vida local. Fizemos uso dos procedimentos técnicos da pesquisa bibliográfica e documental juntamente com a pesquisa descritiva. Concluímos que os conflitos internos na comunidade são absolutamente normais para as relações sociais entre seus moradores e que as transformações e adequações do modo de vida local às exigências impostas à área, deve-se estritamente a sua condição de ser pertencente a uma reserva de Desenvolvimento Sustentável. A comunidade necessita urgentemente de um planejamento turístico adequado às suas condições de sazonalidade Amazônica, de melhorias na infraestrutura local que possibilite a sobrevivência do turismo.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo, Comunidade, Figuração

ABSTRACT

Meet the Amazon is part of the dream of many people all over the world, people who idealize the Eldorado lost in the Amazon rainforest and rivers that mix the beautiful surroundings. The search for enchantment, curiosity or just wants to meet has become increasingly frequent. Tourism for your time began offering activities that expands the experience of tourism in the North of the country, in addition to cities and capitals, reach remote areas of the Amazon, the known coastal communities. Tourism in the Amazon communities brought a leisure activity and for the exploration of the territory, reached the visitors and the residents of the communities. The experiments provide true cultural, economic and social exchanges, bringing with it large impacts under the receptors and their subject communities. With the intention of being able to hear the residents of the community, understand their weaknesses and their transformations has research in making an analysis of tourism and its impact, appear in reality. The present work focuses on discussion of the settings established in the community São João do Toupee (locus of research), located on the left bank of the lower Rio Negro, about 25 km from Manaus, capital of Amazonas State. The choice for this community came about by your direct and indirect involvement with the tourism, your set of attractive potential for the creation of a tourism product. The main objective was to identify the forms of organization adopted by the community that suffered and suffers political, cultural and social influence, identifying the reflection of this influence on the way of life of the residents. We use an interpretative approach local indigenous culture, this technique became indispensable in understanding of the representations as all. We opted for a qualitative research with semi-structured interview and the use of ethnographic essay that enabled us to experience next to the local way of life. We made use of the technical procedures of bibliographical research and documentation along with the descriptive research. We conclude that the internal conflicts in the community are absolutely normal to social relations between residents and the transformations and adjustments of the local way of life the demands imposed on the area, due strictly to your condition a Sustainable development reserve. The community is in urgent need of an adequate tourism planning their seasonality, of local infrastructure improvements to enable the survival of tourism.

KEYWORDS: Tourism , Community, Figuration.

LISTA DE SIGLAS

CEULM - Centro Universitário Luterano de Manaus

DIZA - Distrito da Zona Rural

INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas

MDS- Ministério de Desenvolvimento Social

MEC - Ministério da Educação

PBF - Programa Bolsa Família

PNPCT - Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais

RDS - Reserva de Desenvolvimento Sustentável

RI- Relatórios de Informação

SAGI- Secretaria de Avaliação e Gestão da informação

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

SEMMAS - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade de Manaus

SINUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza

TBC - Turismo de Base Comunitária

UC - Unidades de Conservação

UEA - Universidade do Estado do Amazonas

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

UFP - Unidade Familiar de Produção

UNA - Unidade Ambiental

LISTA DE IMAGENS

Foto 1 - Lanchas da empresa ACANDAF utilizadas para fazer o transporte particular para as comunidades.	28
Foto 2 - Canoa pequena transportando quatro adultos e três crianças próximos a Marina.	29
Foto 3-Transporte no barco de linha parte da Manaus em direção à praia do Tupé.	30
Foto 4- Naufrágio de uma embarcação próxima a praia da Lua	31
Foto 5- Período intenso da estiagem da água no lago do Tupé.	32
Foto 6-Lago do Tupé no período da cheia.	32
Foto 7- Comidas tipicamente indígenas expostas aos visitantes e turistas na entrada da oca.	35
Foto 8- Família indígena se preparando para receber os visitantes.	37
Foto 9- Oca utilizada principalmente no período de cheia dos rios	39
Foto 10- Artesanatos vendidos na entrada da Oca	42
Foto 11- Filhas e filhos do Pajé com seus respectivos companheiros dando início ao ritual.	45
Foto 12- Instrumento Jurupari nas mãos do líder do grupo.	49
Foto 13-Líder explicando sobre o instrumento Japurutu.	50
Foto 11- Indígena e comunitária narrando sua trajetória familiar durante uma visita à oca.	54

Foto 12- Embarcações ancoradas na praia para usufruírem do lazer	62
Foto 13- O lazer da pesca com caniço	63
Foto 14- Caminho que leva até as casas dos veranistas	75
Foto 15- Varanda da casa de veraneio cuidada por uma comunitária.	75
Foto 16- Casa simples do morador local.	76
Foto 17-Casa veranista localizada as margens do lago do tupé.	80
Foto 18- Sr. Jaumir durante a condução ao local utilizado para o projeto taques/ rede.	86
Foto 19- Flutuante e tanques redes deteriorados pela falta de cuidados.	87
Foto 20-Contemplação do pôr do sol na praia do tupé.	96

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa do Mosaico de áreas protegidas no baixo Rio Negro	20
Figura 2- Mapa contendo a localização das comunidades existentes na RDS do Tupé	21
Figura 3- Ilustração da Representação da origem Desana	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Elementos característicos e estratégicos do turismo comunitário.	
	24
Quadro 2- Benefícios do planejamento segundo Molina e Rodríguez	
	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I - VIVÊNCIAS EM SÃO JOÃO DO TUPÉ: INTERAÇÕES SOCIAIS E PRÁTICAS CULTURAIS COMO ALTERNATIVAS ECONÔMICAS E DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO.	
	27
1.1. Pela estrada de rio	27
1.2. Características indígenas da comunidade São João do Tupé	37
1.2.1. Criação do mundo Desana	46
1.2.2. Ofertas de alimentos	48
1.3. Renovando as tradições	51
1.4. Somos um só povo	53
1.5 O homem e o ambiente	56
CAPÍTULO II – POLÍTICAS PÚBLICAS AMBIENTAIS E OS CONFLITOS ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
	60
2.1 Impactos ambientais e sociais	60
2.2 O urbana na vida de uma comunidade rural	64
2.3 Sujeitos, atores e protagonistas nas figurações em São João	69
CAPÍTULO III – TURISMO SUSTENTÁVEL NO MEIO AMBIENTE FÍSICO E CULTURAL	
	78
3.1 Turismo e meio ambiente	78
3.2 Consciência e educação ambiental na realidade de São João	84
3.3 Planejamento turístico	88
CONCLUSÃO	93
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICES	102
ANEXOS	105

INTRODUÇÃO

A inquietação que deu origem a este trabalho de pesquisa originou-se há quatro anos no Aeroporto Internacional Eduardo Gomes, onde trabalhei como atendente de *checkin*. Acredito que o ambiente frenético se fez propício às observações e as indagações. Pude perceber neste ambiente aeroportuário as características de nossos turistas, bem como nossos ecléticos visitantes e seus exóticos desejos de conhecer o interior da Amazônia. Lugares mais distantes da capital, lugares onde pudessem sentir e vivenciara realidade da população local, principalmente dos ribeirinhos.

Os costumes e o modo de vida despertam o interesse de pessoas de diversos cantos do mundo. Uma realidade tão distinta que transformou um segmento turístico desconhecido em um dos principais agregadores na renda de muitas famílias em comunidades ribeirinhas. Tornou-se cartão postal da cidade de Manaus, proporcionando muito mais experiências vivas do que na própria cidade, como: banho de rio, rituais indígenas, passeio de barco por entre as estradas de rio, gastronomia e tudo que inclui uma real aproximação com a floresta.

No corredor do aeroporto avistei muitos visitantes ainda vislumbrados com as muitas sensações experimentadas durante a visita a lugares como estes. Muitos insistiam em permanecer caracterizado com os adereços indígenas e as tatuagens feitas com tinta de jenipapo, medo de esquecer? Talvez não, talvez fosse à vontade de ainda permanecer com a boa sensação de uma viagem bem aproveitada. À medida que a frequência de minhas observações aumentava, minha curiosidade acompanhava o mesmo ritmo, surgindo assim leituras mais direcionadas à temática do turismo comunitário e questionamentos informais aos meus clientes, passageiros do meu guichê de atendimento. Como amazonense e turismóloga havia visitado muitas comunidades, mas sob outras óticas, hoje o olhar não se restringe apenas como olhar de usuária de um espaço, mas como pertencente a ele. Sinto-me na obrigação de além de conhecer a história do lugar, compreender também suas diversas figurações e principalmente o valor de suas ramificações para nossa cultura amazonense.

O ponto de inquietação para esta pesquisa surgiu da necessidade de identificar e compreender as diversas figurações da comunidade São João do Tupé frente à frenética atividade turística no Amazonas. Como se configura a relação entre o turismo e a própria comunidade na qual são residentes? Como se organizaram para o enfrentamento das diferenças culturais? Quais modos de vida foram adotados ou mudados na adaptação de uma

nova figuração de atualidade? Para que pudéssemos chegar a respostas que nos possibilitassem a compreensão do espaço pesquisado foi necessário atrelar as experiências em campo a teorias e conceitos que acabaram sendo utilizadas como verdadeiras bússolas do conhecimento. Como principal guia na tradução da realidade vivenciada fez uso das obras e apropriação dos conceitos figuracionais do autor Norbert Elias, possibilitando compreender as diversas figurações estabelecidas na comunidade São João do Tupé, suas relações de interdependência e poder, explorando a influência do turismo nestas relações socioculturais.

Desta forma, nossos objetivos se firmaram em compreender o significado da atividade turística para a comunidade e a consciência ambiental perante o espaço usado; analisar as relações socioculturais entre os visitantes e a comunidade e identificar os impactos estabelecidos através do atrito rural e urbano, sejam eles negativos ou positivos, são passos essenciais para traduzir os objetivos propostos na pesquisa.

Com base em nosso objetivo geral podemos classificar esta pesquisa como qualitativa e descritiva e com base nos procedimentos técnicos de pesquisa classificamos como bibliográfica e documental, tendo como principal foco entender, descrever e, traduzir os fenômenos sociais e culturais dos grupos pertencentes à comunidade São João do Tupé. Utilizamos a pesquisa qualitativa juntamente com o uso dos procedimentos etnográficos o que nos foi permitido dentro do tempo estabelecido de 24 meses. Segundo Angrosino (2009), vem desempenhando papel fundamental em descobertas sobre relações de campo, abertura e direcionamento rumo a um campo e seus membros, tendo como foco entender o comportamento e a cultura de grupos sociais em comunidades.

A utilização da pesquisa descritiva nos possibilitou alcançar a descrição das características determinantes dos membros da comunidade e as relações existentes entre as variáveis, fazendo uso de técnicas como a observação sistemática para a coleta de dados. [...] Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, e pretendem determinar a natureza dessa relação (GIL, 2002. p. 42).

A etnografia tem o significado literal de descrição de um povo, sendo uma maneira de estudar grupos organizados ou duradouros que podem ser chamados de comunidades ou sociedades. Com base no objetivo de tentar desvelar os significados que os atores atribuem a si mesmos e as suas ações, a utilização da etnografia interacionista se fez presente na tentativa de compreensão do sistema de símbolos que dão significado ao que as pessoas pensam e fazem. O interacionismo aborda o estudo da vida social mais de forma dinâmica do que estática, acreditando que as pessoas são agentes ativos de um grande organismo, sofrendo a

todo instante a ação de forças externas a elas mesmas, ou seja, a mutação humana depende das interações com o meio na qual ela está inserida. O interacionismo apresenta muitas variedades e todas compartilham dos mesmos principais pressupostos (ANGROSINO, 2009, p. 20), portanto:

- as pessoas vivem em um mundo de significados aprendidos que são codificados como símbolos e que são compartilhadas através de interações em um grupo social específico;
- símbolos são motivos que impõem as pessoas a desempenhar suas atividades;
- a própria mente humana cresce e muda em resposta a qualidade e a extensão das interações nas quais os indivíduos se envolvem;
- o self é uma construção social- nossa noção de quem somos desenvolve-se apenas no curso na interação com os outros.

A utilização do ensaio etnográfico como procedimento permite uma pesquisa personalizada, onde o pesquisador se coloca frente a frente com as pessoas em estudo, sendo tanto participante quanto observador da realidade alheia. Este tipo de pesquisa é conduzido de forma indutiva, utilizando-se de descrições detalhistas, possibilitando a construção de teorias gerais ou explicativas. Desta forma, buscamos revelar um retrato mais fiel possível da realidade do grupo em estudo.

Utilizamos da interação social nas entrevistas semiestruturadas para obter informações importantes, seguindo o roteiro contendo tópicos com perguntas direcionados a problemática central da comunidade. Nosso objetivo com a escolha da entrevista semiestruturada como uma das técnicas no campo foi deixar transcorrer uma conversa aberta, que não estivesse amarrada aos padrões de entrevistador e entrevistado, nos possibilitando respostas livres e espontâneas, dar voz a pessoas dispostas a contar sobre suas experiências, possibilitando-nos reconhecer suas perspectivas diante de suas ações no cenário pesquisado.

Poder transformar os dados coletados numa narrativa capaz de transmitir em detalhes ao leitor as experiências vivenciadas na comunidade. Nos aproximamos como observador participante; [...] O pesquisador está pouco desligado da comunidade, interagindo com ela em ocasiões específicas, talvez para fazer entrevistas ou assistir eventos organizados (ANGROSINO, 2009, p. 18). Fizemos uso das três principais categorias da pesquisa de campo: observação, entrevistas e pesquisa em arquivo. Sendo assim:

- a) A observação é o momento em que o pesquisador necessita se distanciar de si para perceber as atividades e as relações de interações entre os membros do campo em estudo, esta percepção precisa ser apurada pelos cinco sentidos, mas o pesquisador precisa estar despido de seus preconceitos, aberto a conhecer um novo mundo. O processo de observação começa na absorção e registro dos hábitos do outro, descrevendo os mínimos detalhes.

- b) A entrevista consiste em um dialogo entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, com o propósito de coletar informações relevantes incapazes de serem descobertas somente na observação. Conversar com os líderes, com as pessoas bem informadas e ativas nas questões da comunidade fará da entrevista uma extensão lógica da observação.
- c) A pesquisa em arquivo em particular foi o primeiro passo para juntar informações suficientes que possibilitaram traçar o perfil do local a ser pesquisado e a idealização de hipóteses. Esta categoria transcorrerá juntamente com a execução da pesquisa. A coleta de dados a partir dos arquivos ajudará a reforçar as conclusões. Todos os arquivos são recursos extremamente valiosos na composição e validação da pesquisa.

A comunidade São João do Tupé situada dentro da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé (RDS), *locus* da pesquisa, está inserida no Mosaico de áreas protegidas do baixo Rio Negro. Além da comunidade, estão interligados diretamente na pesquisa todos que diretamente e indiretamente se envolvem no desenvolvimento da atividade turística neste território, moradores e não moradores desta comunidade, a figuração. O Mosaico abrange 11 unidades de conservação¹, organizados em três setores distintos. O Mosaico engloba partes de seis (6) diferentes municípios do estado do Amazonas (Manaus, Novo Airão, Iranduba, Manacapuru, Barcelos e Presidente Figueiredo), num total de 7.412.849 hectares. Assim como destaca o mapa a seguir, parte dos 6 municípios participantes do mosaico das unidades de conservação representados por uma cor diferente.

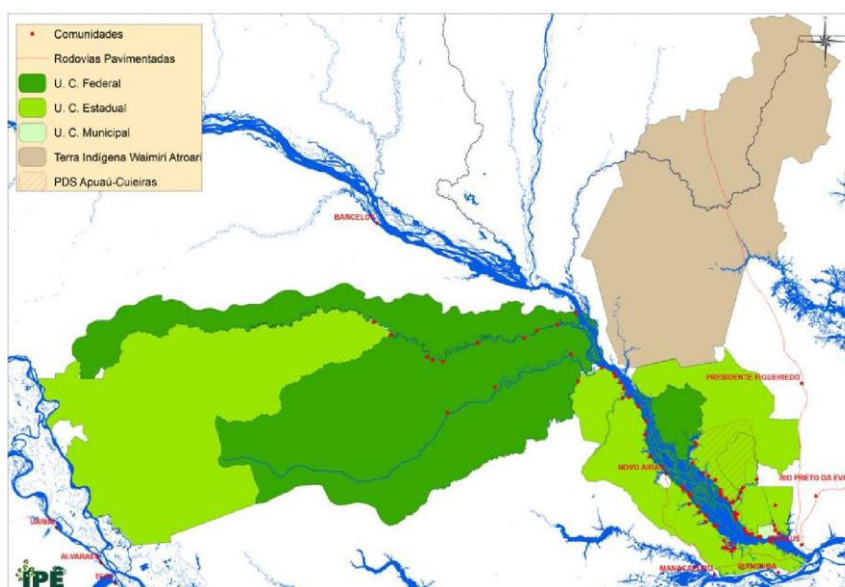


Figura 01: Mapa do Mosaico de áreas protegidas no baixo Rio Negro

¹ “Unidades de Conservação (UC) é a denominação dada pelo sistema nacional de unidades de conservação da natureza (SNUC) (lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000) às áreas naturais passíveis de proteção por suas características especiais.” Disponível em: <http://www.oeco.org.br/> Acesso em: 10 junho 2018.

Fonte: acervo IPÊ

Desta forma, buscamos identificar e analisar as figurações formadas na comunidade, suas relações socioculturais e ambientais ligadas ao turismo. O campo nos proporcionou trabalhar com temáticas para além do turismo, possibilitando interagir com as ciências sociais, filosóficas, geográficas, ambientais e também do direito. À medida que se adentra no modo de vida, nos costumes, nas reflexões sobre o tempo dos sujeitos, nas estruturas e em suas teias que interligam as diversas relações de interdependência. Conectamos diverso saberes para assim compreendermos o todo, através de cada parte.

O campo na qual nos possibilitou as análises sociais, culturais e econômicas está representado no mapa a seguir com uma comunidade pertencente à rede de desenvolvimento sustentável do Tupé.



Figura 02: Mapa contendo a localização das comunidades existentes na RDS do Tupé

Fonte: Acervo IPÊ

O campo pesquisado é rico em conhecimentos tradicionais, bem como em história, religião, fauna e flora, tudo que traz experiências legitimamente amazônicas. Para uma pesquisa de mestrado, já com a ajuda do orientador, necessitou-se trilhar um único caminho e enxugar as categorias a serem trabalhadas, ou seja, afunilar os objetos a serem trabalhados.

O turismo reacendeu o interesse dos membros da comunidade e dos órgãos públicos em manter preservado o território e suas peculiaridades. Gostaríamos de poder descrever as qualidades do lugar para então falar de suas dificuldades e desafios. Optamos por iniciar descrevendo as experiências vividas através dos atrativos turísticos na comunidade, como o

próprio nome traduz o responsável por atrair olhares dos *outsiders*² e a conscientização dos *estabelecidos*³ na comunidade. [...] As categorias “estabelecidos e outsiders” se definem na relação que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte de ambas estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência. (NOBERT, 2000, p.8) Ao longo do texto utilizamos as duas categorias como guias na interpretação da sociologia das relações de poder vivenciadas na comunidade com a entrada dos visitantes frequentes, porém externos aos grupos sociais estabelecidos formados por moradores permanentes da comunidade. Ambos os grupos se veem de forma diferente, ao se chocarem por meio do contato social, observam o outro como um indivíduo estranho a sua realidade, com costumes e hábitos diferentes aos seus, mas durante o choque de estranheza social ambos permanecem interligados por teias que o autor Norbert Elias denomina de teias de interdependência, mesmo sem terem consciência disto.

Sentir o ambiente inserido na pesquisa e deixar-se fazer parte da realidade do outro para então afastar-se de si em busca de sentir o próximo. Viver suas felicidades e suas lamúrias significa imergir em uma realidade distante, habitar o desconhecido em busca de decifrá-lo ou simplesmente descrevê-lo, foi primordial para obter êxito na aproximação da tradução compreensível a todos os olhos e ouvidos. Esta foi nossa missão, usar a singularidade da escrita para traduzir a imersão ao campo de pesquisa.

O relacionamento com os membros da comunidade transcorreu de forma receptiva e gentil. Mantivemos contato por períodos descontínuos entre os meses de dezembro de 2016 a agosto de 2017 e dezembro de 2017 a junho de 2018. A regularidade das atividades turísticas na comunidade depende diretamente do tempo do rio, na verdade muitas comunidades e interiores no Amazonas seguem o calendário das águas, pois estes espaços estão intrinsecamente ligados. O rio é a extensão do quintal em casa. Não somente o turismo recebe os impactos da vazante, mas todas as atividades e hábitos na comunidade são afetados. Há uma reconfiguração entre homem e ambiente tanto nos períodos de cheia quanto na vazante.

² A palavra utilizada na língua inglesa “*outsiders*” refere-se às pessoas externas a comunidade, indivíduos que estão fora da sociedade e dos grupos sociais estabelecidos dentro da comunidade. São recém-chegados, apenas observadores do modo de vida alheia. Podemos considerar neste caso como “*outsiders*” os banhistas frequentadores da praia, os turistas que assistem o ritual e os veraneios donos das casas utilizadas somente em finais de semana e feriados.

³ A palavra “estabelecidos” utilizadas na obra de Norbert Elias “*Os estabelecidos e os outsiders*” (2000) na língua inglesa *establishment* e *established*, são utilizadas aqui na pesquisa para designar grupos e indivíduos que construíram ao longo dos anos dentro da comunidade uma identidade social, estabeleceram tradicionalmente suas raízes no lugar. São os moradores mais antigos da comunidade, são os que possuem o poder de liderança e tomada de decisões na comunidade.

O Capítulo I, **Vivências em São João do Tupé: interações sociais e práticas culturais como alternativas econômicas e desenvolvimento turístico**, é uma recepção de boas vindas à comunidade em estudo, uma apresentação da vida dos moradores e suas alternativas de sobrevivência em meio ao conflito ambiental vivenciado entre os moradores e o poder público. Neste primeiro capítulo buscamos apresentar os atrativos turísticos e as belezas cênicas do lugar, na tentativa de poder transmitir as sensações de se estar próximo a natureza. O verde da floresta, os bancos de areia imergidos no meio do rio de águas escuras compõem o conjunto tipicamente amazônico, listado como principal atração para os visitantes da Amazônia. A cultura fortemente expressa através das apresentações indígenas e a culinária local somada à natureza exuberante que cerca a comunidade compõem o conjunto excêntrico ofertado.

O Capítulo II, **Políticas públicas ambientais e os conflitos entre teoria e prática na Reserva de Desenvolvimento Sustentável**, tornou-se uma temática indispensável para discutirmos os incômodos sentidos pelos moradores da comunidade. Necessitamos apresentar neste capítulo os mecanismos de controle da sociedade na qual denominamos de Constituição Federal, compreender suas amarras e tentar traduzir de forma simplificada para os leitores. Quando falamos em conflito, precisamos entender a origem do mesmo, o início da corrente. Abordaremos neste capítulo as percepções teóricas que prometem garantir a conservação ambiental e o bem estar da população residente dos espaços em discussão. Apresentando discussões sobre a temática meio Ambiente e sustentabilidade surgidas recentemente pelo mundo, a fim de compreender os impactos desta discussão sobre a comunidade e seus moradores.

O Capítulo III, **Turismo sustentável no meio ambiente físico e cultural**, apresenta a relação direta do turismo com o meio ambiente. Quando falamos em meio ambiente, incluímos tudo que está intrinsecamente ligado à realização da atividade turística, todo e qualquer impacto ocasionado pelas interações entre local e população visitada. Finalizamos este capítulo apresentando os conceitos do planejamento turístico, adotado por muitos turismólogos que buscam amenizar os problemas sentidos nas comunidades receptoras, reordenando a atividade turística e preservando os valores locais.

De maneira conclusiva, buscamos em toda pesquisa descrever de maneira mais fiel possível o que foi capturado através dos sentidos. Utilizando-se das bibliografias como purificadores das percepções, com o intuito de poder enxergar os valores imateriais do campo em estudo.

Durante a construção deste trabalho de pesquisa, partindo da idealização do projeto, sua execução e sua materialização sob a construção da dissertação, ficamos abertos à absorção de todo conhecimento e informação inerente a pesquisa e nos deparamos com teorias fundamentais para a compreensão de práticas realizadas no campo em estudo. Muitos autores assumem uma espécie de “caráter bússola”, nos guiando por entre as teorias, para que consigamos explicar a prática registrada em campo. Todo este entrelaçar faz parte do processo de construção e desconstrução de ideias. Desta forma podemos realizar um diálogo entre os autores e as categorias de forma ordenada, diminuindo possíveis confusões teóricas.

Faria (2003) afirma que o desordenamento da atividade turística e os consequentes impactos acontecem pela falta de planejamento e discussão. O interesse em participar do que acontece na comunidade deveria vir dos próprios moradores, pois quando estes se envolvem e participam do planejamento, tudo flui produtivamente, o turismo passa a ser fonte de renda e sobrevivência. De acordo com Luiza Elayne Correa Azevedo (2000) as operações turísticas devem valorizar os atrativos naturais e aos valores culturais que o lugar carrega. O comprometimento precisa estar diretamente ligado à conservação, manejo e sustentabilidade das áreas naturais. Ativando a inclusão e a participação das comunidades locais a consciência ambiental é incentivada. Para Pinheiro (2007), o turismo na comunidade não é apenas uma simples atividade exercida pelos visitantes, ele represa um modelo de gerenciamento turístico de caráter, oferecendo produtos diferenciados. O turismo comunitário precisa ser dividido em duas categorias didáticas (tabela 1).

Tabela 1 – Elementos característicos e estratégicos do turismo comunitário

ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS	ELEMENTOS ESTRATÉGICOS
Características essenciais: *Protagonismo comunitário *Organização comunitária * Rentabilidade para a comunidade	Elementos facilitadores: * Atividade econômica complementar * Posse da terra pela comunidade * Conservação ambiental e Cultural

Fonte: Acervo pessoal da autora

Bartholo (2014) atenua a importância de se ouvir a voz dos moradores, principalmente em se tratando em projetos de turismo de base comunitária, as pessoas que moram no território devem dizer a primeira palavra sobre seus modos de vida. Escutar suas vozes antes que os projetos dos projetos venham a ser lançados sobre eles.

Elias (1970) nos auxilia de maneira mais detalhada, sobre a forma de pensar as sociedades humanas como figurações. O conceito de figuração ajuda o cientista social, permitindo um olhar sobre as formações sociais de maneira mais realista, e não reificada. Tornou-se uma ferramenta de análise que permite considerar o indivíduo em suas múltiplas relações sociais, abordando as específicas formações sociais na qual ele se insere. Com base nos conceitos de figuração de Elias e o conceito de fato social total de Mauss (1974), possibilitamos enxergar uma perspectiva dialógica, multi e interdisciplinar, que aborda a socialização e as relações do indivíduo inserido em sociedade. Esta continuidade no processo de construção social traz consigo a história de uma integração cultural necessária e continua.

Para Bursztyn (2014) o aumento do interesse em outras culturas, traz consigo uma demanda crescente de interação com as comunidades locais. Pois estas viagens especializadas em cultura oferecem a possibilidade de interação, que incluem como parte da experiência cultural, a hospedagem familiar. Esta tipologia de viajante busca a imersão na língua, costumes, artesanatos, culinária, dentre outros aspectos culturais da comunidade visitada. Os visitantes buscam por aquilo que Geertz (1926) conceitua como cultura, sendo um padrão de significados transmitidos ao longo da história, incorporando um sistema de símbolos herdado por entre as gerações. Através da simbologia os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem conhecimentos que o ajudam na realização de práticas cotidianas.

Bourdieu(1989) nos guia na compreensão do simbólico presente em todos os momentos da pesquisa. [...] O poder simbólico é um poder de construção da realidade. (Pag.9). A todo instante nos deparamos com a necessidade de identificar e traduzir o simbolismo intrínseco ao campo de investigação, pois nem toda informação está exposta de forma clara aos nossos olhos, muito precisa ser interpretado até que se reduza aos dados de pesquisa. Durkheim (1958- 1917) está presente em muitas discussões sobre os sistemas simbólicos, segundo sua análise, os símbolos estão além de serem instrumentos de conhecimento e de comunicação, estes possuem um papel importantíssimo na integração social, fundamental para a reprodução da ordem social. Lévi-Strauss vem colaborar com essa roda de conversa entre o fato social e o simbolismo, pois afirma que o fato social deixou de ser uma regularidade compacta e passou a ser um sistema eficaz de símbolos, ou melhor, uma rede de valores simbólicos, inserido no mais profundo do indivíduo, estando sob constante regulação ou não, este não se suprime.

Apropriar-nos destes conceitos e teorias foi fundamental para que pudéssemos traduzir as ações observadas na prática. Fazer uso dos pensamentos dos autores abordados

como guias e conectores da tradução entre a pesquisa em campo e a sua transcrição sob a forma de dissertação, na qual nos esforçamos para sua fidedigna aproximação possível com a realidade dos protagonistas desta história.

Sob a luz dos conceitos Elisianos para interpretar a comunidade São João do Tupé utilizando o pensamento de figuração e as relações de interdependências que se estabelecem entre os membros da própria comunidade e seus visitantes. Tais figurações como família, escola, associações, dentre outras, foram surgindo e se modificando de acordo com as adequações que a comunidade precisou fazer para sobreviver as influencias da globalização e ao novo modelo adotado de turismo, meio ambiente e sustentabilidade.

Segundo Elias (1970), *as figurações são redes de interdependências humanas moldadas por formas estruturais específicas, porém flexíveis e sujeitas a constantes transformações*. Podemos concluir a partir deste que a comunidade, os outsiders e o turismo formaram redes de interdependências, onde se ligam, voluntária e involuntariamente, por meio de suas inclinações e necessidades. Seria um argumento básico para explicar que as pessoas precisam viver em sociedade para sobreviver, tanto individualmente, quanto em grupo.

Idealizando o impossível, queríamos realizar um “*scanner*”⁴ da campo em estudo, mas como trabalhamos com ações somente realizáveis buscamos alcançar os objetivos da pesquisa através da imersão no ambiente cultural, no modo de vida dos moradores e na atmosfera que norteia a pesquisa como as discussões ambientais, as relações de poder e interdependência e as mutações na organização da comunidade. Somos mutáveis à medida que nossas percepções despertam novas sensações.

⁴ O verbo transitivo Escanear com origem na palavra inglesa *scan* e *scanner*, que segundo o dicionário Aurélio significa percorrer com um *scanner* ou digitalizar alguma coisa usando um *scanner*. Está sendo usado no texto com o contexto da palavra vasculhar ou averiguar, sinalizando o desejo de explorar o campo de estudo- comunidade São João do Tupé analisando suas diversas faces de interpretação diante das múltiplas vivências da comunidade.

CAPÍTULO I - VIVÊNCIAS EM SÃO JOÃO DO TUPÉ: interações sociais e práticas culturais como alternativas econômicas e desenvolvimento turístico

1.1 PELA ESTRADA DO RIO

Iniciar um estudo analisando o espaço do outro e como ele lida com esse espaço não é uma tarefa fácil. Antes de tudo é preciso fazer uma limpeza da própria percepção de ser e existir em nós mesmos, na tentativa de não impor um olhar julgador diante da realidade alheia. Apenas traduzir ao mais fiel possível todas as vivências e percepções ao longo de dois anos dedicados ao estudo da região e tudo aquilo que intrinsecamente estava ligado e que precisou ser aprendido para a compreensão das relações sociais, culturais e econômicas envolvidas.

Uma rede de comunicação é formada desde o local conhecido como Marina do Davi, de onde as pequenas lanchas partem com destino as comunidades ribeirinhas próximas a Manaus. A cada passeio uma teia de interdependência financeira é formada entre os que trabalham direta ou indiretamente com a atividade turística. As lanchas utilizadas para o transporte direcionado principalmente para o lazer dos banhistas e turistas possuem estrutura capaz de oferecer segurança para usuários pagantes. Mas o porto responsável pelo embarque e desembarque dos passageiros apresenta estruturas precárias.



Foto: 1 Lanchas da empresa ACANDAF utilizadas para fazer o transporte particular para as comunidades.
Fonte: Acervo pessoal da autora

As famílias moradoras das áreas ribeirinhas de Manaus fazem o trajeto Manaus-comunidades em embarcações não legalizadas, tornando a viagem ainda mais perigosa. É comum visualizarmos grandes lanchas trafegando próximas de pequenas embarcações amarradas de pessoas, estas pessoas se arriscam na travessia em pequenas canoas que não oferecem nenhuma segurança. Em caso de acidentes, como as constantes emborcadas⁵ os passageiros possuem apenas a borda da própria canoa para se segurarem, pois coletes salva-vidas são inexistentes dentro destas embarcações não legalizadas.

⁵ Emborcar: Pôr de boca para baixo, virar de borco (uma vasilha, uma canoa, etc.). Dicionário Aurélio.



Foto 2: Canoa pequena transportando quatro adultos e três crianças próximos a Marina
Fonte: Acervo pessoal da autora

Situações que mostram a falta de sensibilização e cuidados com a segurança no tráfego pelo rio são queixas frequentes dos próprios membros da comunidade e os usuários deste sistema de transporte, que relatam acidentes fatais neste percurso da estrada de rio.

O transporte fluvial é a única alternativa de locomoção para os moradores de comunidades ribeirinhas. A empresa responsável pelo transporte mantém um fluxo diário somente para comunidades próximas, para as localidades mais distantes como São João do Tupé, o transporte ocorre somente em finais de semana e feriados. Aos que procuram a empresa de transporte fora destes dias precisam pagar o valor referente ao frete, equivalente a \$100,00 até \$180,00 o trecho, dependendo do porte da lancha e da quantidade de pessoas. Seus usuários não são somente turistas, são famílias que dependem exclusivamente deste serviço de transporte.⁶

As famílias moradoras de comunidades distantes que não fazem parte do trecho diário das lanchas da empresa de transporte se veem obrigadas diante da necessidade de locomoção entre a cidade e a comunidade, adquirir um bem como um motor, ou até mesmo uma pequena lancha que os deixariam independentes do transporte privado.

⁶ A tabela de preço disponibilizada aos usuários fica fixada dentro das lanchas da empresa ACANDAF, Esta apresenta-se disponível nos anexos como: Anexos A.

As grandes embarcações como os conhecidos barcos de linha que partem do porto *Manaus Moderna* somente utilizam a comunidade como destino quando são destinadas ao lazer dos banhistas no final de semana e feriados. Tais embarcações fretadas exclusivamente para uso do lazer destinam-se as praias e comunidades próximas a Manaus com intuito de promover festas dentro da própria embarcação e onde estiverem ancoradas.



Foto3: Transporte no barco de linha em direção à praia do Tupé
Fonte: Acervo pessoal da autora

Dentre todas as embarcações que trafegam no trajeto até a comunidade São João, estas embarcações são as que causam maior transtorno, pois não possuem a coleta ideal de resíduos, levando poluição ambiental e sonora por onde passam. Na maioria das vezes não possuem sequer condições mínimas de segurança, que somada a grande quantidade de passageiros alcoolizados formam um conjunto perfeito de imprudência.

O trajeto realizado pelas embarcações com destino aos locais mais frequentados para o lazer são as praias da Lua e do Tupé, este trajeto pode se tornar extremamente perigoso nos dias de chuva. O rio conhecido como espelho d'água por ser calmo e muito tranquilo, nos dias de temporais assemelha-se ao mar em toda sua fúria.

Infelizmente a imagem (figura 4) representa algo comum no cotidiano amazônico. A aflição de se estar no meio do rio durante uma tempestade também se fez presente durante as

idas e vindas até o campo de pesquisa. Em especial no mesmo dia em que ocorreu o naufrágio ilustrado acima estávamos retornando a Manaus de lancha na qual nos foi preciso uma parada obrigatória, que nos demandou horas por entre os galhos das finas árvores que formam uma espécie de funil chamado na região Amazônica de furo⁷.



Foto 4: Naufrágio de uma embarcação próxima a praia da Lua
Fonte: Redação Amazônia News⁸

Este espaço diminuía a força do vento contra a embarcação impedindo que ela virasse. Foram horas intermináveis de aflição e medo, muitos passageiros não resistiram aos recorrentes banzeiros somados as fortes rajadas de vento que se transformavam em terríveis ondas causando o balançar da embarcação de um lado para o outro até que não se restasse estômago para os passageiros. Neste episódio se sobressaiu a experiência de navegação do comandante da embarcação que soube o momento certo de parar e aguardar até que as águas do rio se tornasse novamente segura para a travessia.

⁷ **Furo**, na região amazônica, é o nome dado á um espaço navegável que corre entre as árvores e serve de comunicação entre dois rios. O **furo** é de vital importância para as pessoas que assim conseguem encurtar o tempo de navegação.

⁸ Fonte: <https://amazonasnews.com>. Acesso em 21 de maio de 2018.

Para a realidade nas comunidades obter uma “rabeta” ou “um motor de popa” ainda é considerado um bem de valor elevado para muitos moradores. A aquisição deste bem pode exibir o padrão econômico e social do seu dono, sendo um transmissor visível da mensagem sobre seu poder aquisitivo. Na cidade também se pode perceber tais reações de poder. Quando um vizinho adquire um carro novo emite de forma automática a mensagem do seu bem estar financeiro, elevando seu status social perante a vizinhança.

A inserção da “rabeta” na vida da comunidade, principalmente uma comunidade com forte denominação indígena é um fator significativo para mudanças figuracionais no modo de vida e nos hábitos locais. As crianças desde cedo aprendem a pilotar e a manusear o principal meio de transporte. As mulheres também se tornam independentes quando tomam a direção de suas pequenas embarcações. Novos padrões de vida são associados ao uso da tecnologia cada vez mais presente no cotidiano das pessoas.

As visitas à comunidade foram em periódicas durante a cheia e a seca dos rios. Para que pudéssemos visualizar a sazonalidade do turismo, as mudanças figuracionais e a logística de transporte, dificultada no período da vazante dos rios. Usamos as imagens a seguir registradas em visitas esporádicas a comunidade São João do Tupé para ilustrar a diferença do volume das águas nos diferentes períodos de seca e cheia dos rios, ambos os registros (imagens 5 e 6) foram realizadas do mesmo ângulo e local, mas em períodos diferentes.



Foto 5: Lago do Tupé em novembro de 2016
Fonte: Acervo pessoal da autora



Foto 6:Lago do Tupé em julho de 2017
Fonte: Acervo pessoal da autora

A diferença no nível de água toma grandes proporções, obrigando muitas famílias a se descolarem da comunidade no período da vazante principalmente pela dificuldade de acesso. A seca traz consigo vários transtornos no reabastecimento de produtos para o consumo diário, gerando principalmente o aumento nos valores do comércio local. O que era naturalmente caro na comunidade, passa a ter um valor 3x maior com a chegada da vazante dos rios. Pois as dificuldades de acesso e reabastecimento sempre existiram, a comunidade não produz o que consome. A maior parte dos produtos consumidos vem diretamente da capital, transportados em “rabetas⁹ e voadeiras” que durante a enchente dos rios podem encostar próximos à comunidade, facilitando o descarregamento, mas durante a seca o cenário muda e o descarregamento se torna mais sofrido, somando ao peso muitos metros de chão de areia.

Esta imagem determina que a chegada da tecnologia em uma comunidade ribeirinha não caracteriza a extinção de práticas tradicionais. A imagem (figura 6) revela a facilidade que uma criança possui em manusear sozinha a canoa no lago do Tupé. Mesmo estando sem a posse do motor “rabetá”, apresenta desde cedo responsabilidades delegadas pelos adultos.

⁹ Nome popular utilizado na comunidade dado a motores pequenos de baixa velocidade acoplados à canoas de pequeno porte.

Entretanto percebemos que não importa o estado do rio, estando em fartura ou em estado de seca, as dificuldades existem e o homem precisa intervir sobre o meio para superar as adversidades da natureza. No trecho da obra *“ethos e figurações na hinterlândia Amazônica”*, o autor MATTOS descreve um trecho que caracteriza *“o efeito da ação humana sobre o meio”*. Podemos considerar a importância do rio e seus níveis de água para o modo de vida da população ribeirinha, mas isto não significa ser um fator determinante.

Delega-se tarefa para quem vai pegar água para beber, quem vai lavar a roupa ou os utensílios da cozinha. Entretanto, em busca de comodidade, as famílias tem cada vez mais se apropriado de equipamentos de captar água do rio. Encontramos moto-bombas e as bombas elétricas que vêm ganhando adeptos com o programa do governo federal Luz para todos. Enfim, a cheia do rio proporciona um nível de percepção referente água, diferentemente da seca do rio. (MATOS, 2015, p. 75).

Especificamente durante o vazante dos rios, a dificuldade de locomoção afeta diretamente o turismo na comunidade, diminuindo o fluxo de visitantes com o aumento da distância entre a comunidade e a praia. Muitos metros de areia precisam ser percorridos para se chegar à comunidade, os poucos frequentadores se deslocam somente até a praia, fazendo com que as famílias que dependem das vendas aos visitantes, transportem seus produtos por muitos metros, se deslocando desde a comunidade até seus clientes. As famílias indígenas que ofertam os atrativos turísticos transferem suas atividades para um local abaixo da comunidade, garantindo a facilidade de acesso para seus visitantes, dando continuidade a seus trabalhos com o mínimo de prejuízo possível ocasionado pela seca dos rios. Desta forma, os frequentadores da comunidade são os que procuram o turismo de sol e praia; os turistas a procura da oferta turística indígena; e os frequentadores das casas de veraneio, sejam os próprios donos ou seus hóspedes e clientes temporários.

Dentre as seis comunidades que fazem parte da Rede de Desenvolvimento Sustentável do Tupé, a atividade turística destacou a comunidade São João do Tupé pelo trabalho ofertado pela família indígena formada por Desana/Tikunas/ Barasanas/ Tuyukas/. Esta família de forma isolada e independente da comunidade utiliza do turismo como grande fomentador e agregador da economia familiar. Junto às belas paisagens amazônicas vislumbradas desde o transporte fluvial, os indígenas também moradores da comunidade diferenciam a oferta turística apresentando um rito de danças e canções que

caracterizam sua cultura e história. No cenário tipicamente¹⁰ indígena é ofertado como atrativos turísticos, apresentações de dança, exposições e venda de artesanato, comidas indígenas são expostas para os turistas como: Beiju (feito da goma de tapioca), formigas e larvas retiradas da floresta local e peixe assado, pescados no lago do Tupé.



Foto 7: Comidas indígenas expostas aos visitantes e turistas na entrada da oca.
Fonte: Acervo pessoal da autora.

A experiência oferecida ao visitante inclui a interação cultural e ambiental, os líderes são abertos a diálogos após os ritos desde que não atrapalhem as próximas apresentações. Os diálogos são importantes para que se conheça para além da apresentação do rito¹¹. [...] o rito

¹⁰ Uso da expressão “*tipicamente indígena*”: Ao longo dos anos a sociedade foi induzida por meio do processo civilizador a caracterizar raça, etnia, cor, religião, dentre outros, ou seja, enquadrar em caixas para uma melhor a compreensão da divisão dos grupos. No Amazonas temos a comemoração anual do dia do índio onde as crianças juntamente com seus professores pintam o rosto em comemoração a este dia e realizam caracterizações que representem a mensagem da data comemorativa. As meninas usam uma saia confeccionada de jornal que remete as saias de fibra de buriti enquanto os meninos usam adornos coloridos confeccionados com penas artificiais. Desta forma, a idealização do “ser índio” foi difundida no Brasil e no mundo. Mesmo com a Globalização aproximando a tecnologia e a modernidade de longínquas comunidades indígenas, resultando em transformações no modo de ser e viver dos indígenas, ainda assim, as pessoas não desconstruíram a idealização da figura do índio no Brasil. A romantização por cristalizar a cultura e mantê-la sempre com a mesma representatividade são um dos pressupostos para a oferta e demanda de atrativos que possuem a etiqueta “tipicamente indígena”. Ao utilizar a expressão ao longo do texto, me refiro a caracterização do produto turístico.

¹¹ Utilizamos a palavra Rito pelo seu significado: Qualquer cerimônia de caráter sacro ou simbólico que segue preceitos estabelecidos. Fonte: dicionário Aurélio xxi. Desta forma podemos caracterizar o ritual apresentado aos turistas como um ato simbólico de cerimônias antes realizadas.

tem como função introduzir o indivíduo na esfera mítica. “É essa a razão por que se encontram frequentemente ligados [mito e rito]; na verdade, a união mito/rito é indissolúvel, e de fato a separação sempre foi à causa da sua decadência” Roger Callois. Op.cit p. 25 apud Soares p.85. Eis o mistério que se tenta decifrar na tentativa de conhecer o papel do turismo na vida desta família e o quanto sua representatividade étnica pesa perante a identidade do lugar. O que verdadeiramente a família indígena oferta espiritualmente aos seus visitantes durante suas apresentações?

A interação entre o visitante e a família indígena inicia de forma tímida, transcorrendo com mais leveza ao longo das apresentações e fluindo para pequenos diálogos após a apresentação do ritual, momento em que os visitantes se aproximam dos artesanatos e perguntam sobre sua origem, significado e as formas de produção.

Muitos comportamentos passam a ser observados durante o dia de simultâneas apresentações. Os visitantes estrangeiros, assim como os visitantes de outros estados brasileiros apresentam maior aceitação diante do que está sendo ofertado pelos indígenas.

Os visitantes apreciam e curtem o que está sendo oferecido. Alguns apreciam como algo exótico e aceitam as diferenças, outros acabam por não compreender os elementos que compõem a apresentação do ritual indígena. Demonstrando além da não aceitação a falta de respeito diante dos elementos oferecidos na oferta turística indígena.

Dada às observações, notamos uma tendência mais elevada da má recepção diante do que outro (indígena) tem a oferecer, infelizmente partindo de visitantes advindos do próprio estado do Amazonas, “filhos da terra”. Uma minoria que desconhece os valores da própria cultura ou se dizem não pertencentes à cultura indígena fortemente presente no nosso cotidiano.

As reações diante do que está sendo ofertado como atrativos no turismo praticado na comunidade são adversas e vão de acordo com cada indivíduo. Durante a visita as pessoas recebem como troca tudo aquilo que estão dispostas a oferecer. A vivência diante da realidade do outro permite trocas que atingem o social, cultural e econômico, ao depender da sensibilidade do ser, este também poderá receber uma troca espiritual ao vivenciar o conjunto Amazônico oferecido, entre a floresta, o rio e as pessoas que aqui vivem, tudo está interligado e tudo pode ser sentido.

1.2 CARACTERÍSTICAS INDÍGENAS DA COMUNIDADE SÃO JOÃO DO TUPÉ.

As cores vão ganhando mais vibrações com os artesanatos, as pinturas corporais, os adornos e os adereços usados para enfeitar os corpos visivelmente saudáveis dos indígenas. O bem receber é executado com êxito, a sensação de estar em casa é sentida logo na entrada e prolongada por toda a visita.

Diante dos olhos, temos uma primeira belíssima impressão, um conjunto de imagens compostas pelas majestosas águas do Rio Negro e as areias brancas e finas da praia do Tupé, cercada pelas diversas tonalidades de verde advindas da floresta. A distância entre a embarcação ancorada na praia se torna maior na medida em que se adentra a comunidade. A maneira como a família indígena se organiza para receber seus visitantes depende diretamente do volume das águas do Rio Negro em seu tempo de cheia e seca.

Pensando na sazonalidade Amazônica mediante o volume das águas a família indígena construiu um segundo lugar de apresentações, um lugar que suprisse a demanda durante a cheia dos rios e outro local que suprisse a demanda durante a seca dos rios.



Foto 8: Família se preparando para receber os visitantes na oca utilizada no período de seca.
Fonte: Acervo pessoal da autora

Os membros da família indígena preparam o ambiente e a caracterização para dar início a mais um final de semana bastante produtivo com o turismo. Arrumam os artesanatos de forma que fiquem expostos aos visitantes. Na parte externa da oca há vários expositores de

artesanatos pertencem a diferentes membros da família. As peças colocadas à venda pertencem a várias famílias formadas a partir de uma família principal. Juntos pertencem a uma mesma linhagem familiar, mas separadamente formaram famílias paralelas. São novos pais, filhos, irmãos, sobrinhos, netos, todos se envolvem nas atividades durante os finais de semana e posteriormente compartilham a renda entre os membros participantes.

Durante a cheia do Rio Negro a família não consegue utilizar o espaço localizado na parte baixa da comunidade (figura 8). Desta forma a família precisou se adequar as manifestações da natureza e criar alternativas de sobrevivência para ambos os períodos. Os visitantes desconhecem o impacto que os estágios das águas possuem para os moradores, seus interesses se resumem em aproveitar o passeio planejado e curtir a experiência.

Visando a comodidade do visitante e a continuação nas atividades voltadas ao turismo local, garantindo o fluxo constante de visitantes, mesmo que em cota mínima a família passou a trabalhar em dois lugares na comunidade. Na parte baixa durante a seca e na parte alta mais próxima a comunidade durante o período da cheia.

Pelo fato da comunidade está localizada em uma área alta, uma espécie de barranco, o período da seca castiga as famílias abruptamente, dificultando a entrada e saída da comunidade. A oca localizada na parte superior do barranco recebe os visitantes durante o período em que o rio está abundantemente cheio, facilitando o acesso do turista, tornando mais fácil seu deslocamento, não necessitando caminhar grandes distâncias até o lugar das apresentações. Tais estruturas demonstram as adequações e transformações do modo de pensar e agir em detrimento da manutenção da atividade turística local. Mantendo sua regularização e garantindo o fluxo de visitantes e consequentemente a renda familiar dos membros envolvidos.



Foto9: Oca utilizada principalmente no período de cheia dos rios
Fonte: Acervo pessoal da autora

A utilização da tecnologia está presente no cotidiano, seus membros fazem uso de aplicativos e ferramentas de comunicação como *whatsapp*, *facebook*, jogos, entre outros. É notória no olhar do turista, sua surpresa, principalmente dos que visitam o Amazonas pela primeira vez. Ao possuírem a idealização romantizada da figura do indígena intocável, distorcida da atualidade. Pois, o esperado é encontrar indivíduos a margem desta tecnologia, mas esta visão além de preconceituosa, não se encaixa na figuração organizacional desta comunidade. Pouco a pouco a interferência do urbano no modo de vida das famílias de comunidades afastadas da capital se torna mais forte. A tecnologia se tornou uma grande aliada para educação a distância, levando conhecimento a lugares remotos da Amazônia, formando pensadores e transformadores do próprio meio em que vivem. O conhecimento proporciona um novo pensar sobre realidade, os jovens possuem por meio da tecnologia a oportunidade de crescimento para além do roçado e da pesca. Conhecem o mundo mesmo permanecendo no mesmo lugar e o mundo os também os conhece.

Apesar da grande proximidade com a modernidade e a tecnologia da cidade de Manaus, uma família indígena em sua grande maioria da etnia Desana, também membros da comunidade São João do Tupé, lutam para que seus costumes permaneçam vivos para as futuras gerações, mantendo tradições, rezas, benzimentos e a linguagem por muitos esquecidos.

Os conhecimentos destas sociedades nunca deixam de ser transmitidos, da mesma forma que os mantêm, eles atualizam suas tradições (SOARES 2014). Em meio às dificuldades financeiras que encontram para manter e sustentar uma grande família, os índios Desana veem no turismo uma atividade econômica que somada às outras atividades já praticadas na comunidade, agregam na renda familiar dos moradores. O que vemos é uma mesclagem entre tradição e modernidade. Não se abandona modos de vida tradicionais que foram ensinados pelos mais velhos, como crenças e práticas que possuem fortes influências nas atividades executadas no cotidiano, da mesma forma que não se pode impedir a aproximação da tecnológica e suas influências sobre a atualidade. Novos padrões comportamentais e sociais vão surgindo, novas figurações surgem na medida em que a interferência do externo se torna mais forte.

Discussões quanto à imagem do indígena no Amazonas surgem. Questionamentos e incompreensões vão de encontro com o que se imaginava ser um padrão estético e comportamental e que hoje se apresenta em uma versão totalmente diferente. Todos estão sujeitos a mudanças e adequações. Há muitos anos o ser humano vem transformando o meio ambiente para sua própria sobrevivência. Quanto à discussão voltada principalmente ao comportamento indígena exposto na comunidade São João do Tupé quanto às mudanças visivelmente inseridas com a presente modernidade, precisamos analisar questões para além da modernidade globalizada que afeta todos independente de etnia, raça e cultura. A comunidade sofreu diversas mudanças desde o estabelecimento da mesma como “Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé”, atividades antes realizadas diariamente como parte da tradicionalidade local passou a ser terminantemente proibida.

O que houve diante da crise ambiental instaurada foi exatamente uma reconfiguração social, econômica e cultural. Não foi somente a mudança na nomenclatura documental sobre o espaço da comunidade que mudou. Comportamentos e atitudes diante da nova realidade vivenciada precisaram também se modificar, um exemplo simples vemos na produção dos artesanatos (figura 10) vendidos ao visitante, à utilização da matéria prima antes extraída da floresta precisou ser substituída pela artificialidade encontrada no centro de Manaus. A aproximação com a matéria prima manipulada nas indústrias resultou na perda para além da naturalidade e afetou a singularidade na cultura indígena local.

Ao longo do tempo e do espaço passamos a ser cada vez mais miscigenados pelo meio a nossa volta e pelas pessoas com as quais mantemos contato. Aos poucos, a linguagem e as expressões são compartilhadas e aprendidas durante um único encontro entre a

comunidade receptora e os novos visitantes. Ambos levarão deste contato algo que os transformará no ser, no ver, ou apenas no pensar. Desta forma se torna impossível a não modificação dos indivíduos que estão a todo instante em contato com as diferentes culturas e padrões comportamentais. Algo sempre é absorvido, seja do lado interno ou externo a comunidade. Não se pode impedir a reconfiguração do ser indígena diante de tamanha troca cultural.

O colorido das penas, a destreza nos artesanatos e a arte através das pinturas juntaram-se ao conjunto que forma a oferta turística perfeita. Um rótulo para o turismo em comunidades Amazônicas, detalhes apresentados ao olhar do turista como boas-vindas. Como se recebessem dizendo: Sejam bem-vindos à nossa rica simplicidade! Um encontro de culturas, diferentes modos de vida e de comportamentos que nos define e nos difere um dos outros. Mas segundo o Pajé e curandeiro Senhor Raimundo Vaz¹² “somos um só, independente da cor, raça e etnia”. Somos apenas corpos dividindo um mesmo espaço-a Amazônia.

Uma discussão levantada pela banca durante o exame de qualificação desta Dissertação surgiu em torno da composição do artesanato indígena na comunidade(figura 10). Os artesanatos expostos que compõem a imagem registrada possui características de outro local e cultura, dando a entender que não há uma demonstração cultural local e sim uma venda descontrolada de uma cultura miscigenada. As máscaras colocadas à venda como artesanato local chamam atenção por revelar a mistura cultural existente. Tais elementos causam estranheza por conter características africanas e não indígenas, suscitando dúvidas quanto à singularidade da identidade indígena no Amazonas.

¹² Nome Desana KISIBI SUMU líder espiritual da comunidade.



Foto 10: Artesanatos vendidos na entrada da Oca.
Fonte: Diederich, Luciana (2016).

Fazendo uma análise do material e das formas de construção do produto final com base em nossas observações e conversas com as artesãs do artesanato ofertado aos turistas. Podemos descrever principalmente a readequação e reestruturação do artesanato local as novas figurações. Após a inserção da comunidade a Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé os materiais utilizados para a construção do artesanato não podem ser extraídos da floresta. Sementes, fibras e penas antes utilizadas como principais elementos na criação das peças são proibidas pelo Plano de Manejo que estabelece as práticas dentro da Reserva do Tupé. Desta forma não podemos exigir a imagem idealizada do indígena na época da colonização, pois mudanças no modo de vida e nas práticas culturais indígenas aconteceram e trouxeram uma nova forma de se enxergar o indigenismo no Brasil.

Os artesanatos vendidos na oca são ornamentados com matéria prima comprada na capital e confeccionados manualmente durante a semana, para serem vendidas no final de semana, quando recebem o maior fluxo de visitantes. As peças não carregam a naturalidade da matéria prima extraída direto da natureza, mas trazem consigo a naturalidade da arte na confecção do artesanato indígena.

Voltando a caracterização da oferta turística indígena, temos a duração da apresentação do ritual que depende do “bolso” e do tempo de cada visitante. As músicas duram de 2 a 3 minutos. O ritual apresentado é iniciado com uma recepção de boas-vindas à

comunidade visitante na língua Desana. Trata-se de uma canção instrumental com os homens tocando o instrumento denominado *carriço*, ao seu lado suas mulheres os acompanham dançando ao som dos batuques e tambores dos demais membros da família, que tocam ao fundo da oca. A família reunida forma uma sintonia com os instrumentos e as pisadas ao chão batido de terra.

As histórias contadas durante as apresentações dão vida aos mitos e crenças. Batuques em ritmos alternados se misturam as vozes graves dos homens, acompanhadas das afinadas vozes das mulheres. Há uma mesclagem de gerações que dançam e cantam juntos a mesma canção, escondendo o português para dar lugar a língua Desana e Tukana.

As famílias se uniram para manter a realização deste atrativo turístico (figura 11), recebendo em troca da perseverança os benefícios de se manter viva a história, mesmo que esta tenha sido modificada através do tempo e das pessoas.

Formou-se uma rede de interdependência entre os participantes diretos do turismo, responsáveis pelos atrativos- a família indígena, e os que ajudam em sua divulgação- as agências de turismo. Alguns membros da comunidade estão cientes quanto aos benefícios que o turismo pode proporcionar, mas precisam fazer valer o significado da palavra comunidade e se unirem para que o fluxo de visitantes seja contínuo, contribuindo com a renda de famílias que obtém do turismo seu único sustento.

Para o autor Zygmunt Bauman (2003) atuante em trabalhos críticos com temáticas que nos ajudam a compreender conceitos como comunidade, diferença e desigualdades, a palavra comunidade está além de apenas um significado, trás consigo sensações e sentimentos atrelados à idealização de uma vida tranquila com os indivíduos que compartilham da mesma realidade em comunidade.

Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. Podemos discutir — mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar juntos ainda melhor e mais agradável do que até aqui e, embora levados pela mesma vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar sobre como fazê-lo. Mas nunca desejamos má sorte uns aos outros, e podemos estar certos de que os outros à nossa volta nos querem bem. (BAUMAN 2003)

Obter uma convivência em comunidade que não se tenha conflitos durante as interações sociais dos indivíduos, seria uma forma romantizada de enxergar o contato existente na socialização entre indivíduos.

A realidade vivenciada se mostra distante de uma perfeita e amigável convivência. As práticas executadas pelos indígenas para fomentar a atividade turística na comunidade São

João, faz surgir conflitos naturalmente normais nas relações sociais entre os membros internos da comunidade.

Alguns membros da comunidade reagem com a incompreensão e a não aceitação das atividades que a família indígena exerce com o turismo. Os conflitos internos entre os indígenas e não indígenas dentro da comunidade, surge principalmente pelas estruturas religiosas que formam as diferentes crenças no mesmo ambiente.

A palavra comunidade¹³ traz consigo diversas traduções que leva aos seus membros o compartilhamento de algo comum entre eles seja este um compartilhar social, geográfico ou religioso. A comunidade pode compartilhar de muitos aspectos, mas ao se tratar do turismo, este se limita a poucos membros. Mesmo que estes não compreendam que o turismo também contribui de forma indireta para a renda familiar através do capital de giro dentro da comunidade. Não se precisa estar trabalhando diretamente com o turismo para ser beneficiado por ele. O pequeno comerciante dentro comunidade se beneficia do turismo tanto quanto a família indígena. O turismo nesta localidade faz gerar emprego e renda dentro e fora da comunidade, forma uma teia que interliga desde o dono do flutuante de onde partem as lanchas até o pescador que vendeu o peixe para a barraca na praia. O exemplo usado é apenas uma ramificação desta teia, pois o turismo no Amazonas fomenta emprego e renda para todo o estado.

Os membros da comunidade em geral compartilham dos benefícios da presença do turista atraído pela ofertada apresentação do ritual ofertado pela família indígena Desana. Posteriormente este mesmo turista conhece a praia, consome os produtos vendidos nas barracas e indiretamente fomenta a renda familiar das demais famílias que se dizem não depender do turismo, mesmo dependendo do mesmo público. A intolerância étnica religiosa

¹³ Qualidade ou estado do que é comum; comunhão.

2. Concordância, conformidade, identidade.
3. Posse, obrigação ou direito em comum.
4. O corpo social; a sociedade.
5. Qualquer grupo social cujos membros habitam uma região determinada, têm um mesmo governo e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica.
6. Qualquer conjunto populacional considerado como um todo, em virtude de aspectos geográficos, econômicos e/ou culturais comuns.
7. Grupo de pessoas considerado, dentro de uma formação social complexa, em suas características específicas e individualizantes.
8. Grupo de pessoas que comungam uma mesma crença ou ideal.
9. Grupo de pessoas que vivem submetidas a uma mesma regra religiosa.
10. P. ext. Local por elas habitado.
11. Ecol. Conjunto de populações animais e vegetais em uma mesma área, formando um todo integrado e uniforme; biocenose.
12. Sociol. Agrupamento que se caracteriza por forte coesão.

inibe a compreensão pelo diferente e faz com que muitos membros não queiram aceitar a convivência em comunidade.



Foto 11: Filhas e filhos do Pajé com seus respectivos companheiros dando início ao ritual.

Fonte: Acervo pessoal da autora

Os corpos enfeitados refletem as características físicas indígenas¹⁴. Nos homens, seus troncos esbanjavam virilidade, resistência e força, desde o mais velho ao mais jovem da família, todos possuem um biótipo semelhante. Quanto às mulheres, esbanjam longos e brilhosos cabelos pretos que reluzem sob a luz do sol lhes dando orgulho pela beleza dos mesmos, algumas usam as belas madeixas para disfarçar a nudez nos seios, que independente da idade, todas os deixam a amostra.

Embalados pelos diferentes instrumentos, sejam os de sopro ou de batuque. Surgem os ritmos e melodias que dão corpo as canções. Os pés largos e descalços sincronizam fortes pisadas, o corpo remexe ao ritmo do som e do outro. Esses detalhes realçam a riqueza de uma cultura viva, compõem o conjunto de atrativos turísticos que encantam os turistas advindos de diversos cantos do mundo. Talvez para muitos visitantes o que se encontra não é bem o

¹⁴ A característica dominante entre os Dessana não está em sua estrutura física, mas sim em sua ancestralidade. A descrição física no texto se refere aos aspectos estéticos vislumbrados pelos turistas durante a visita.

esperado pelo imaginário que se tem do indígena no Amazonas, mas ao final descobrem que não se trata de uma descaracterização cultural e sim a vivência das novas dinâmicas culturais adotadas pelos Desana.

1.2.1. CRIAÇÃO DO MUNDO DESANA

Durante o interstício da musicalidade do ritual há espaço para que a liderança da família conte a origem de seu povo, uma síntese de suas simbologias que valorizam o imaterial e o imaginário da mitologia indígena Desana tradicionalmente transmitida.

A narrativa de sua origem baseia-se em um mundo paralelo, um mundo visível diante dos nossos olhos, faz parte da crença particular de cada um. A sacralidade dos instrumentos usados durante o ritual está diretamente ligada à origem deste mundo paralelo, responsável por manter vivas tradições culturais da etnia Desana. Para Loureiro (1995), os elementos da natureza e os contextos mitológicos do imaginário cultural amazônico estão intrinsecamente ligados à imensidão do espaço geográfico onde a Amazônia está localizada, pois tudo parece imensurável. Seja no plano terrestre ou espiritual.

O líder detentor e responsável por manusear o bastão narra a seguinte história: Com o instrumento *bastão sagrado do ritual* em mãos, o Sr. José Maria¹⁵ explica que o Deus chamado *Borika* marcou com o bastão, sul-norte, Leste-Oeste, conforme o comprimento do bastão. *Borika* demarcou o mundo indígena localizado no alto Rio Negro, no município de São Gabriel da Cachoeira na fronteira com Colômbia, Venezuela e Brasil. Após esta demarcação ele legalizou as terras, unindo todas as etnias diferentes do alto Rio Negro, dentre elas estão os Desana/ Tukanos/ Tuyukas/ Barasanas.

Todas as etnias passaram a dançar dentro e fora das ocas com o instrumento *tubo de ritmo*. Do meio da roda de dança o Deus *Borika* elevou o instrumento *tubo de ritmo* a altura de um metro elevando junto todos os povos indígenas, em seguida tocou-o novamente no chão. *Borika* subiu aos céus finalizando a criação da área indígena. Esta narrativa é transmitida pelo Pajé curandeiro *KISSI SUMU* a todos os seus descendentes, uma forma de manter viva a tradição através de conhecimentos transmitidos entre as gerações indígenas.

¹⁵Filho do Pajé KISIBI SUMU, líder do ritual e organizador das apresentações ritualísticas.

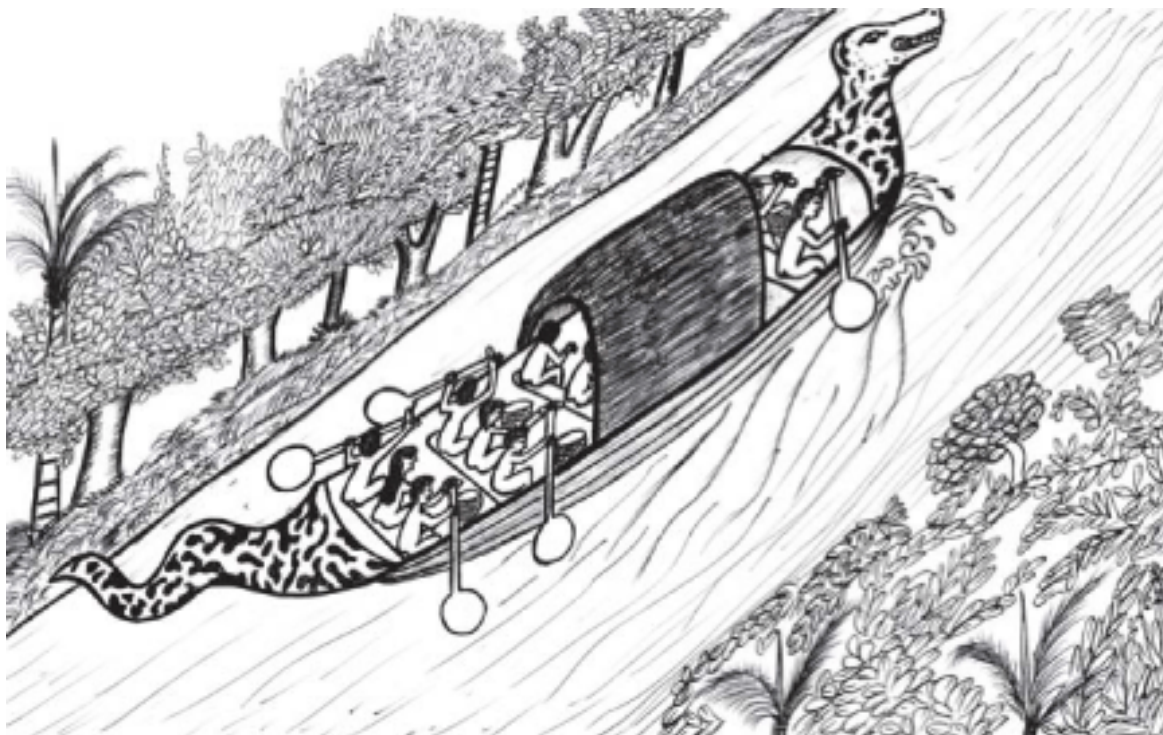


Ilustração 3 – Representação da origem Desana.
Fonte: Gabriel Gentil¹⁶

Na literatura Desana¹⁷: *Antes o mundo não existia*, onde podemos encontrar a Mitologia dos antigos Desana-Kehíporã, e a descrição de seus muitos mitos. Destacamos o mito da “Cobra-Canoa” ou “Canoa de Transformação”, uma narrativa na visão deste povo. O mito da cobra-canoa é o mesmo mito conhecido na etnia Tukano, apresentando algumas variações nos seus elementos místicos. Segundo Kehíri, Tõrãmu (1995), a origem Desana é milenar. Seus antepassados eram invisíveis, passando a assumir a forma humana após o Deus Borika construir uma canoa na forma de cobra.¹⁸

Essa Canoa de Transformação se parecia com as lanchas dos Brancos de hoje: as cavernas entre as costelas representam as costelas do ser humano, o quilhão do barco, o seu espinhaço, a cobertura, a sua barriga e a tampagem, a sua pele. Eles construíram o barco com a madeira da árvore abiurana do rio e pintaram-na em seguida com tintas brancas, cinzentas e vermelhas. Para os *Umurĩ Mahsã* ela era uma canoa, mas na realidade era uma cobra. Por isso, os antigos a chamavam também de *Pamurĩ pĩrõ*, isto é, Cobra de Transformação. (DIAKURU & KISSBI, 1996, p.169).

¹⁶ Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702007000500010 Acesso em: 11 de abril de 2017.

¹⁷ Os “Dessana”, de origem do Alto Rio Negro, apesar de terem o nome na forma mais conhecida de escrita com dois “ss”, são também encontrados na literatura como Desana (com apenas um “s”), como no livro: “Antes o mundo não existia, Mitologia dos antigos Desana-Kehíporã”.

¹⁸ Cada etnia possui uma versão diferente sobre a criação do mundo, suas interpretações seguem suas crenças, trazendo na mitologia a raiz para sua formação étnica.

a. Esta versão sobre a criação do mundo é relatada sobre a versão Dessana no livro: *O mundo não Existia* de Kehíri, Tõrãmu (1995).

Bmukosurãpanami e Bmukomahsã Boreka, os chefes dos Desana vinham como comandantes dessa cobra-canoa.(ilustração 3). A canoa desceu pelo leito do rio, partindo do Rio de Janeiro em direção ao rio Uaupés. Ao chegar à Cachoeira Ipanoré os Desana saíram em quatro buracos, adquirindo a forma humana. Os animais estão presentes na simbologia que as lendas representam, a cosmologia indígena faz parte de sua realidade, a floresta mantém sua extensão no homem, assim como o homem é uma extensão da natureza, ambos fazem parte de um único cosmo. Os espíritos presentes na fauna e na flora da floresta Amazônica fazem parte do crescimento e do fortalecimento do homem, este, porém mantém uma relação de medo e respeito para com os mistérios e encantos advindos da floresta.

O Bisneto do Mundo, portando seu bastão cerimonial, ia na frente da canoa e seu irmão no centro; dentro da canoa levavam as riquezas que se tornariam a futura humanidade. A embarcação vinha como submarino no fundo da água e a humanidade veio como Gente Peixe. Os enfeites mágicos eram aportados à margem do lago e fundavam ali a população do lugar. As Malocas da Transformação estariam às margens do que seriam Rio Negro, Rio Amazonas e litoral do Brasil. A cobra, portanto, é a genitora, e o Lago de Leite seria o útero, sendo a responsável pelo transporte de todas as etnias pelo leito do rio e, por fim, o homem branco. Essa seria a visão dos Desana sobre a origem da humanidade.¹⁹LIMA, Priscila Passos de; MAISEL, Priscila de Oliveira Pinto(2017)

1.2.2. OFERTAS DE ALIMENTOS

Durante a apresentação cultural do ritual, alguns instrumentos importantes na cultura indígena Desana são apresentados. O líder do ritual Sr. José Maria é o responsável por organizar e liderar as apresentações distribuindo as funções para cada membro. Em seu discurso durante as apresentações ele apresenta a funcionalidade de cada instrumento utilizado. O instrumento *Jurupari*²⁰(figura 12) era usado quando se tinha festa de oferta de frutas. *“a família saía para a floresta colhia muitas frutas silvestres amontoavam ao centro da oca suas colheitas e convidavam outras famílias para ofertarem as frutas a elas”*.

¹⁹ Fonte: LIMA, Priscila. O mito da cobra-canoa dessana na obra dos artistas bernadeteandrade, turenko beça e priscila pinto. Disponível em: <http://anpap.org.br/> Acesso em: 23 setembro 2018.

²⁰ O nome **Jurupari** também é dado a um personagem mitológico dos povos indígenas. O povo Mawé retrata Yurupari como um demônio ou como o próprio mau, aquele que deu origem à outros demônios (como os Ahiañ ou os Mapinguary).



Foto 12: Instrumento Jurupari nas mãos do líder do grupo
Fonte: Acervo pessoal da autora

Cada parte do instrumento carrega um significado e uma utilidade, seu uso exige habilidade e conhecimento da sacralidade que ele representa. Os instrumentos são apenas um dos muitos objetos e lugares considerados sagrados para a família indígena. Todos os membros da comunidade sendo eles indígenas ou não possuem uma sacralidade a ser respeitada, seja no modo de vida, nas diferentes crenças religiosas ou até mesmo na maneira em que cada um sustenta suas famílias. O respeito ao espaço do outro precisa ser preservado em prol da ordem na comunidade. Este instrumento de sopro de som forte exige fôlego e prática dos homens simbolizando a oferta em especial de frutas.

Miriá-põ'ra , trompetes e flautas jurupari. Família de instrumentos sagrados vedados às mulheres (se elas os virem, podem morrer), comuns a todos os grupos da região do ARN. Os trompetes são aerofones cujo corpo principal é um pedaço de tronco de palmeira paxiúba (wata-yôó) 39 de tamanho variando entre 40 a 70cm de comprimento, com 4 a 6cm de diâmetro, que funciona como tubo livre para o sopro e a vibração labial que produz o som. Esta parte do instrumento é conservada enterrada debaixo d'água, em lugares escondidos dos igarapés. Em torno desta peça, enrola-se de forma espiralada uma comprida tira de casca de árvore, fixada por cipós amarrados a duas varas do tamanho do instrumento. Este fica maior que o tamanho do tubo, que fica saliente na parte do bocal, o resto estando por dentro. O corpo de casca enrolada serve de ressonador. As flautas são menores, feitas de madeira de palmeira jupatí (bupu-yôó) 40, com aeroduto interno e defletor de cera de abelha, o som saindo por um único orifício logo abaixo do bocal (como o japurutú), afinado através de um pedaço grande de folha de palmeira amarrado. PIEDADE, Acácio Tadeu. (1997. P.53)

Outro instrumento utilizado em festas é o *Japurutu* utilizado em ofertas de carnes e peixes assados, possui um som mais agudo e também exige fôlego dos homens que os tocam, na ponta do *Japurutú* são fincados peixes e carnes assados que serão conquistados ao final da dança pelas mulheres dançarinas do ritual de oferta. Faz parte desta dança homens e mulheres que se posicionam abraçados lado a lado.



Foto 13: Líder explicando sobre o instrumento Japurutu.
Fonte: Acervo pessoal da autora

Flautas japurutu é um par de flautas longas, de madeira bupu-yôó (jupati, da família das palmeiras), e não de paxiúba, como consta em Brüzzi (1977:270) -estas duas madeiras são muito importantes na simbologia Tukano. As duas flautas japurutú são iguais, variando apenas o tamanho, a afinação e a simbologia: a flauta maior, com cerca de 1,5 metros, é aproximadamente 15 cm maior e soa um tom abaixo da outra, sendo a flauta “chefe” ou “homem” a que comanda a sequência de notas, enquanto a menor (“mulher”) é a que responde, devendo dar a nota correta a partir do que o chefe tocou, em hocket-style. Ambas as flautas não têm orifícios para dedos, tendo aeroduto interno e defletor de cera de abelha, o som saindo por um único orifício logo abaixo do bocal, sendo afinado por meio de uma palheta de folha de palmeira amarrada. A técnica labial para japurutu trabalha os sons harmônicos, portanto cada instrumento utiliza uma gama de 5 notas; As músicas para japurutú são quatro e podem ser executadas separadamente e em diversas ocasiões, por exemplo num Dabacuri. Podem ser tocadas por músicos sentados, ou dançando lado a lado, quando cada um segura seu instrumento com a mão externa e o braço interno abraça o companheiro pelo ombro. PIEDADE, Acácio Tadeu. (1997. p. 52)

Soares (2014, p.61) cita o exemplo da cultura ocidental que “utiliza-se da escrita fundamentalmente para comunicar seu desenvolvimento, sua história e toda sua vida”. Em

nossa atualidade a oralidade perdeu o poder durante o processo da dinâmica cultural. Os jovens não se interessam por ouvir os ensinamentos e as histórias dos mais velhos, pois a internet se apresenta muito mais interessante com suas inúmeras distrações. Podemos afirmar que os costumes foram informalizados, havendo grande necessidade do resgate dos conhecimentos e ensinamentos através da escrita, da oralidade e de práticas tradicionais voltadas à valorização cultural.

1.3. RENOVANDO AS TRADIÇÕES

Ao final das manifestações sintetizadas do ritual, os visitantes ficam à vontade para circular pela comunidade, apreciar o artesanato e conversar com os membros e líderes. Aos poucos a “descaracterização” é realizada. As mulheres se cobrem com vestimentas condizentes com ao contexto urbano. Os adereços desaparecem para dar lugar aos vestidos, shorts e camisetas. A observação deste comportamento traz consigo muitas interrogações: Será apenas um simulacro? Uma encenação de um modo de vida que não é mais vivificado cotidianamente a não ser durante as apresentações? Com isso a ideia de mercantilização surge implicitamente. COMAROFF (*apud GRUNEWALD*, 2014, p. 131) afirma que [...] *a etnicidade está se tornando cada vez mais mercantilizada, isto ocorre quando uma sociedade indígena dispõe comercialmente elementos de sua cultura (ou natureza) para visitação turística.*

Aos poucos as apresentações ou a venda de artesanatos ajudam a [...] *enfatizar o conteúdo distintivo de sua cultura para turistas* SJOBERG (*apud, GRUNEWALD 1993, p. 187*) – contribuindo no processo de reconstrução da identidade. O autor cita o exemplo dos Cherokees (povo nativo norte- americano da Carolina do Norte), revela o desafio do turismo em satisfazer o imaginário indígena dos visitantes. Os Cherokees preparam uma apresentação que transmite a simbologia ou a tradução do indigenismo do seu povo aos turistas e levam estas apresentações para arenas públicas destinadas aos visitantes que procuram tal rotulação de oferta turística. O espaço da comunidade não recebe visitante, o modo de vida é reservado e vivenciado somente aos membros da comunidade.

Utilizando o conceito de zona de contacto²¹, segundo SANTOS (2008, p. 130) *[...]zonas de contacto são campos sociais onde diferentes mundos-da-vida normativos, práticas e conhecimentos se encontram, chocam e interagem. Os diferentes modos de vida da comunidade fazem parte do universo de atrativos turísticos ofertados e as das relações sociais entre os próprios membros e os visitantes fazem parte da dinâmica cultural. A zona de contato entre os membros se torna necessária para o fortalecimento das relações e o fortalecimento das teias de interdependências.*

Cada cultura possui aspectos centrais que podem ser comunicáveis entre diferentes culturas, mas existem aspectos intraduzíveis, que dizem respeito somente à excentricidade cultural local, ou seja, é difícil tentar entender ou traduzir o que não se vive culturalmente, deixando apenas a certeza de sua existência, não da sua compreensão. “Cabe a cada saber ou prática decidir o que é posto em contato e com quem é posto em contato” (SANTOS, 2008, p. 130).

Nossa anfitriã Miriam filha do Pajé Raimundo Vaz usa o momento das apresentações culturais do ritual para promover a etnicidade de sua família, afirmando a importância da atividade que exercem para a valorização da cultura e do modo de vida abandonado por muitos membros também indígenas. As dificuldades em manter a própria identidade perante a forte influência do externo é sentida diariamente, fazendo com que membros da própria família indígena optem por um modo de vida longe dos costumes indígenas. Para Soares(2014, p.62)muitas traduções vão se fazendo presente para uma melhor compreensão do outro:

A ornamentação do corpo pode ser temporária ou permanente: no grupo da decoração temporária estão as pinturas de jenipapo ou de urucum, um adereço utilizado apenas durante um ritual. Cada elemento da decoração pode ser encontrado nos mitos, onde encontra-se a chave para a compreensão da vida de uma sociedade indígena brasileira.

Entende-se que a cultura e o modo de vida dessas populações receptoras do turismo em suas comunidades vão se adequando no espaço e no tempo em que estão vivendo, sempre haverá a necessidade da recriação, mas com cautela para que nesta recriação os valores tradicionais pilares na sua etnicidade não sejam mudados. Grunewald (2014) enfatiza as contradições entre o exótico procurado pelos turistas e um suposto simulacro do primitivismo. O autor descreve o turismo e as populações indígenas no Brasil, destacando o turismo entre os Pataxós (um grupo falante do português, moradores de um aldeamento original de índios das

²¹ Envolvimento das diferenças culturais que em algum espaço-tempo determinado, podem se encontrar para dar sentido a uma determinada linha de ação. SANTOS (2008).

etnias Pataxó na Bahia).

Usamos como exemplo de turismo étnico e comunitário exatamente pela semelhança com a história dos índios Desana, que vem conquistando cada vez mais espaço através do turismo. *“Esta interação com os turistas foi sempre vista pelos indígenas como importante para eles na medida em que forneceu um modo de eles terem um dinheiro para bens básicos como roupas ou mesmo alimentos ou remédios. [...]”* (GRUNEWALD, 2014, P.135).

Perante os vários processos na qual uma cultura é submetida quando se encontra em constante contato, somamos a nossa compreensão a clareza das palavras de CARNEIRO DA CUNHA (1987).

A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situação de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que acresce as outras, enquanto se torna cultura de contraste: este novo princípio que subtece, a do contraste, determina vários processos. A cultura tende ao mesmo tempo a se acentuar, tornando-se mais visível, e a se simplificar e enrijecer, reduzindo-se a um número menor de traços que se tornam diacrítico. (CARNEIRO DA CUNHA, 1987, p. 99).

A autora nos contribui na compreensão da identidade indígena, esta não se apresenta somente na vestimenta, no modo de vida e nos comportamentos diários, A identidade indígena vem da ancestralidade e nunca será perdida, está na pele, cravada como escarificações, para sempre marcadas, mesmo para aqueles que não desejarem mais tê-las, ao olharem para si, as verão. *“O esquecimento, longe de ser um ato único e explícito, de uma evidente materialidade, é algo cujos efeitos se encontram disperso em uma multiplicidade de narrativas, de lendas e de imagens”* (OLIVEIRA FILHO, 2009, p. 2).

1.4.SOMOS UM SÓ POVO.

No discurso da anfitriã Miriam (figura 14),o tema catequização aos indígenas se faz bastante presente, criticada por parte e elogiada em outras. A religiosidade católica agregada ao xamanismo e a cosmologia se fazem presente na vida desta família Desana. Uma mesclagem um tanto incompreensível, mas, admirável. Após o encerramento do ritual nos aproximamos dos relatos e da história que compõe a vida desta mulher e a vida de muitos indígenas no Amazonas.



Foto 14: Indígena e comunitária narrando sua trajetória familiar durante uma visita à oca.
Fonte: Acervo pessoal da autora

A religiosidade torna-se um assunto delicado de difícil diálogo na comunidade. Diferentes religiões, igrejas e crenças surgiram, ganhando adeptos que acompanharam o desenvolvimento da comunidade frente às novas formas de organização. Atualmente as entidades religiosas mais fortes na comunidade são a Assembleia de Deus, Batista e a Católica.

Muitas práticas culturais independem da instituição religiosa que se frequenta. Somos aquilo que acreditamos. As crenças fazem parte do crescimento físico/ espiritual adquiridos ao longo da vida. *“Havia coisas que nos causavam medo na infância que na vida adulta não nos incomoda mais”*. Com o passar dos anos adquirimos novas crenças, novos medos, somos mutáveis aos conhecimentos que nos cercam. Soares (2014) ao revelar a dimensão da diversidade cultural nos faz repensar se somos capazes de “compreender o “outro” numa manifestação que envolve o humano, o cosmo e o transcendente”²². Turner (1995) nos redireciona afirmando que não se trata de mentalidades ou cognitivo diferentes, são apenas experiências culturais diversas.

Através do ritual os homens expressam em grupo tudo aquilo que os toca, o que sentem sobre sua cultura, seus valores são revelados através de suas expressões culturais. Para uma pessoa que carrega uma cultura exterior ao se deparar com canções, danças e gestos

²²SOARES, A.A. O Corpo na Ritualística do Povo Tikuna, 2014, p78.

expressados de forma enigmática pode sentir certo estranhamento, neste momento trago a observação de Gertz para complementar a compreensão: “*se desejamos ser capazes de julgar competentemente como por pressuposto devemos, necessitamos chegar a ser também capazes de ver competentemente*” (apud SOARES, 2014, P79).

O cosmo amazônico é uma crença muito forte para a cultura indígena no Amazonas, neste cosmo os mortos, os espíritos e os xamãs possuem liberdade para assumirem formas de animais. Viveiro de Castro²³ traduz esta teoria indígena através do perspectivismo ameríndio: significa olhar sob o ponto de vista cosmológico a maneira como os humanos, animais e espíritos se veem e como estes veem os demais seres do mundo. “A análise da cosmologia, dos mitos destas sociedades, propõe que ideias já consolidada na nossa cultura sejam submetidas a análises e a rigorosas críticas” (SOARES, 2014, p.59).

A ideia parte do “ver como”, a forma manifesta de cada espécie é uma “roupa” que esconde internamente a condição humana de cada um, os únicos capazes de enxergar além da “roupa” são os xamãs ou os da própria espécie. A metamorfose acontece na troca da “roupa” onde espíritos, mortos, xamãs assumem formas animais ou bichos que se transformam em outros bichos, assim como humanos são mudados em animais. “A condição original comum aos humanos e animais não é a animalidade, mas a humanidade” (VIVEIRO DE CASTRO, 1996, p. 119). Isto mostra a dinamicidade nas transformações com a universalidade espiritual humana, permitindo que a forma física humana seja variável. SOARES (2014, p. 61) traz para junto da cosmologia amazônicas o significado da corporeidade, mostra que a identidade se expressa através dos “idiomas” corporais. Tudo é revelado através do corpo de mulheres, homens e crianças, os elementos usados no corpo ajudam nestas expressões, seja com alimentação ou com a decoração corporal. “O corpo sozinho nada significa, para que isto possa consolidar-se para que ele possa transformar-se num significante, toda tecnologia conhecida pelos indivíduos daquelas sociedades é cuidadosamente empregada”. Muitas vezes podemos até não sabermos decodificar a simbologia expressa através do corpo, mas jamais deixamos passar por despercebido toda sua linguagem.

A Amazônia por si carrega seus encantos capazes de atrair público suficiente para o turismo em comunidade. Quando atribuímos ao espaço, as vivências e as relações com os

²³ CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. Em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131996000200005>. Acesso em: 10. Jan.2016.

moradores da majestosa Amazônia, a experiência se transforma em algo ainda mais excêntrico. O valor imaterial de uma cultura, aquilo que não pode ser explicado em palavras provoca uma intensa onda de curiosidade e admiração.

Não é de hoje que o inexplicável se tornou comum na Amazônia, usaremos dois exemplos que representam a influencia dos mitos e lendas na cultura local. Ninguém sabe explicar, mas todos respeitam.

a) Não tomar banho no rio às 12h00 e as 18h00 horas, muito menos entrar na mata nestes horários. b) O sereno da noite potencializa a cura dos remédios, mas é capaz de matar quem fica exposto. Contudo as crenças que envolvem os potenciais da floresta podem ser interpretadas de diversas maneiras. As crenças independem da instituição religiosa na qual o individuo pertence e a floresta Amazônica possui grande influência nas praticas tradicionais da população que nela vive, seja em área rural ou urbana.

1.5 O HOMEM E O AMBIENTE

Célia Teixeira (2012) afirma que “o conhecimento é uma relação entre o sujeito que conhece e o objeto do conhecimento (o que é conhecido). Parece impossível saber algo sem acreditar no que sabe”. Célia sugere que a crença é uma condição necessária para o conhecimento. Isto é, sem crença não há conhecimento. “Se sabemos que o Sol é uma estrela é porque acreditamos nisso. Se não acreditamos que o Sol é uma estrela, então também parece que não podemos saber que o é”. Para Lakatos (1991) o primeiro passo, para iniciar uma discussão sobre conhecimento científico é diferenciá-lo dos demais tipos de conhecimento existentes. LAKATOS exemplifica com uma situação histórica, mas usaremos uma situação regional como exemplo, abordada pelo autor Matos (2015), na obra *Ethos e Figurações na Hinterlândia Amazônica*:

O domínio das técnicas e conhecimento das áreas de pesca proporcionam bons resultados ao pescador. Em período de cheia, quando há escassez de alimento, o pescador de caniço adentra os igapós e encontra em suas entranhas as espécies que estão se reproduzindo ou se alimentando na abundância de frutos que caem das árvores, o que pode ocorrer pelo amadurecimento deles ou quando aves ou primatas estão se alimentando. Mas o pescador é experiente, observa a natureza e se beneficia dela, no silêncio do igapó sabe que determinadas espécies estão de frutas, amarra sua embarcação ao tronco da árvore, sobe em seus galhos e começa a balançar

derrubando frutos madura, assim como fazem os primatas ao se alimentarem, não tarda e as espécies aquáticas surgem para se servir do alimento”. Hoje a pesca ganhou outros instrumentos, como a malhadeira, que aos poucos substituiu o caniço, o arco e flecha e a linha. “A pescaria de malhadeira não exige grandes habilidades, perceptivas, motoras ou condição física” (p.279).

A malhadeira²⁴, juntamente com o motor de popa²⁵, revolucionou a pesca no Amazonas, possibilitando deslocamento rápido e a captura de grandes quantidades, na qual, o caniço ou o arco e flecha não conseguiriam.

Assim, através deste exemplo de práticas realizadas pelo caboclo, observam-se dois tipos de conhecimento: o etnoconhecimento, que pode ser traduzido de maneira simplificada como sabedoria popular, transmitido tradicionalmente através das gerações por meio da educação informal e da experiência pessoal, do empirismo – e o científico: este que é baseado em observações e experimentações, que servem para atestar a veracidade ou falsidade de determinada teoria. Explica “por que” e “como” de tudo que acontece.

Na Amazônia, o etnoconhecimento está enraizado. O conhecimento vindo da aproximação com a floresta é transmitido culturalmente na capital e no interior. Indígena ou não, sempre acabam carregando consigo este conhecimento. Através da crença fortemente encorajada por familiares, ou pelo simples ato da experimentação, qualquer morador já utilizou ou utiliza do etnoconhecimento trazido pelos indígenas. Os exemplos estão nos famosos chás de folha da goiabeira, da casca da laranja, que servem para curar dor de estômago ou dor de barriga, dentre tantos outros.

Segundo Antonio Sérgio Azevedo Damy²⁶, o que difere conhecimento científico dos demais conhecimentos denominados popular/vulgar ou senso comum são os modos ou instrumentos de conhecer, não se distinguem nem pela veracidade nem pela natureza do objeto conhecido. Um exemplo histórico foi à extração do “cabuchu (nome que os índios, davam a goma, significando, ao pé da letra, pau que dá leite)” que atualmente todos nós conhecemos como látex. Segundo Batista (2007)²⁷, a extração deste leite surgiu principiante em práticas dos índios Cambeba ou omáguas que, mais tarde, tiveram seu território invadido pelos portugueses. A prática da extração, dentre tantas outras práticas iniciadas a partir do etnoconhecimento de povos tradicionais, foi dominada pela ciência. As nações indígenas

²⁴“As malhadeiras são redes de fio resistente de *nylon*, de malha fina, de que nenhum ribeirinho ou pescador profissional deixa de ter uma coleção” (BATISTA, 2007, p. 235).

²⁵Motor de popa é um motor com uma ou mais hélices, destinada a possibilitar o deslocamento de canoa ou bote, ou também em alguns navios, em determinado meio aquático, seja em lago, rio, mar, oceano.

²⁶Mestre em Ciências da Educação, UBC, SP.

²⁷ Djalma da Cunha Batista, foi médico, professor universitário, antigo diretor Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA e Governador do Estado do Amazonas.

brasileiras adquiriram diversos conhecimentos sob o ritmo da natureza. O ciclo de reprodução dos animais, o uso de plantas medicinais, o manejo de determinadas espécies da fauna e flora para uso na habitação, alimentação e saúde.

No misticismo das sociedades tradicionais e primitivas existe uma simbiose entre o homem e a natureza. Esta simbiose está enraizada de forma simbólica nas atividades desenvolvidas diariamente, como técnicas e de produção (DIEGUES, 1996).

Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”. (*Decreto Federal Nº6.040 de 7 de fevereiro de 2007*)

De acordo com Diegues e Arruda (2001) é importante analisar este sistema de representações, símbolos e mitos construídos por estas populações. A partir disto, poder agir sobre o meio natural. Pois através da crença esses sistemas se fazem presente no conhecimento e manejo de suas práticas. Essa relação homem-natureza se faz presente na identidade da comunidade observada. Possuem consciência da importância e da necessidade da natureza em sua sobrevivência. São dotados de conhecimentos, se faz presente na cultura transmitida por entre as gerações. Hoje os mais velhos, experientes nas práticas com a floresta, se encontram preocupados por não saberem para quem passar seus conhecimentos. “Antigamente os jovens acordavam cedo para aprender com os mais velhos, sentavam e os mais antigos passavam o conhecimento. Hoje, os jovens não querem saber mais disso, dormem até mais tarde, desconsideram os velhos costumes e se interessam pelo o que os brancos produzem”, comentário extraído do comunitário, Sr. João de 69 anos, citado pelo autor Matos (2015) p.62. Esta preocupação pela falta de interesse dos mais jovens se dá pela mudança de hábitos, influenciada globalmente.

A cultura amazonense permite que a floresta contribua para nossos conhecimentos, , refletindo sobre nossas vivências, integrando a nossa história, caracterizando a sabedoria popular de cada um. São conhecimentos passados e repassados entre gerações, pertencentes ao imaginário e as suas crenças. O líder do grupo e curandeiro Desana luta para que estes conhecimentos tradicionais não sejam perdidos. Segundo Kissibi “É costume do branco guardar tudo em papel enquanto os índios guardam tudo na cabeça”.

"São considerados conhecimentos tradicionais todos os elementos intangíveis associados à utilização comercial ou industrial das variedades locais e restante material autóctone desenvolvido pelas populações locais, em coletividade ou individualmente, de maneira não sistemática e que se insiram nas tradições culturais e espirituais dessas populações, compreendendo, mas não se limitando a conhecimentos relativos a métodos, processos, produtos e denominações com aplicação na agricultura, alimentação e atividades industriais em geral, incluindo o artesanato, o comércio e os serviços, informalmente associados à utilização e preservação das variedades locais e restante material autóctone espontâneo abrangidos pelo disposto no presente diploma" (Artigo 3º do Decreto N.º 118/2002).

Em 2007, por meio do Decreto, foi instituída a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) ²⁸, com intuito principal de resguardar os direitos e valorizar a identidade de povos tradicionais. Mas, o que se vê na realidade é a falta do cumprimento e fiscalização destas medidas de proteção. Estas populações tradicionais possuem informações desconhecidas pela ciência oficial. Em parceria com o etnoconhecimento poderiam desvendar formas de lidar com ambientes biologicamente diversificados, aperfeiçoando a compreensão destes ecossistemas para o desenvolvimento de práticas mais sustentáveis, menos agressivas ao meio ambiente; ou seja, tais conhecimentos são de fundamental importância para todos, difundindo e trocando saberes.

Utilizamos o turismo como conector das teias de interdependência e relações de poder formadas na comunidade, os esforços para que os benefícios da atividade sejam sentidos por todos não parte de uma totalidade, há sempre os relutantes que possuem opiniões e crenças divergentes, algo normal em qualquer sociedade.

Entre a história, a cultura, os saberes, as crenças e tudo aquilo que é caracterizado como bem imaterial, estão os moradores da comunidade São João do Tupé. A riqueza de categorias é tão extensa que ficou difícil aos olhos do pesquisador realizar o garimpo para que coubesse neste primeiro capítulo, uma exposição dos destaques, de suas propriedades e de suas maiores riquezas.

Nossa intenção é valorizar a voz daqueles que diariamente não possuem oportunidade de relatar seus desafios e dificuldades. Poder ouvir suas memórias, suas

²⁸Tal Política é uma ação do Governo Federal que busca promover o desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais, com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições.

experiências, A história que forma o carácter deste lugar. Há muito a ser dito e visto. Que possamos ouvir suas narrativas e tentar traduzir suas vozes através deste trabalho de pesquisa. Como jovens mancebos da etnografia, estamos abertos às novas formas de discurso e captação de informações, desde que elas sejam livres e verdadeiras.

CAPÍTULO II – POLÍTICAS PÚBLICAS AMBIENTAIS E OS CONFLITOS ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

2.1 IMPACTOS AMBIENTAIS E SOCIAIS

A comunidade é composta por pessoas simples e humildes, alguns não assinam sequer o próprio nome. Compreender o que uma política pública ambiental abarca em sua teoria torna-se distante diante da realidade vivenciada na prática, acentuando a vivência de um verdadeiro conflito entre teoria e prática, o que se é de direito e o que se tem como obrigação .

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial a sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e a coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

VI- Promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente;

Segundo os modos adequados que estabelece o bom uso dos recursos naturais na reserva, muitas práticas na comunidade e principalmente na praia não estão de acordo. Os bons modos de uso e manejo dos recursos ainda são frequentemente desrespeitados. Ainda há indivíduos que duvidam da finitude de nossas florestas e rios, a respeito disso o excerto:

1-Da responsabilidade pela execução das regras:

A Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade de Manaus e todos os moradores beneficiários da REDES do Tupé são responsáveis pela execução das regras e acordos estipulados para a Unidade de Conservação. E para a execução das regras é necessário estabelecer parcerias com os órgãos de meio ambiente do Estado, 21 Associações de Moradores locais, Comunidades do entorno, bem como com todas as instituições atuantes dentro dos limites da Reserva.

3.3. No caso do descumprimento de leis municipais, estaduais ou federais, a infração deverá ser comunicada imediatamente à SEMMAS, ao conselho deliberativo, e, não havendo resposta, deve encaminhar cópia destas denúncias ao Ministério Público.

3.4. No caso de descumprimento das regras de uso por não moradores da Unidade, a infração deverá ser comunicada imediatamente à SEMMAS para tomar as medidas administrativas cabíveis. Plano de manejo (2017)

A Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semmas) é responsável por intensificar o trabalho de ordenamento do uso da Praia do Tupé, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Tupé, tendo em vista o aumento do fluxo de

banhistas na praia e o consequente aumento número de embarcações no lago do Tupé e na praia.

As fiscalizações recebem apoio das Equipes das Diretorias de Áreas Protegidas (DEAPR) e de Fiscalização (DEFIS) da Semmas, com o apoio do Batalhão Ambiental da Polícia Militar, realizavam blitz de ordenamento na praia, com a finalidade de orientar donos de embarcações e banhistas sobre as regras constantes do Regulamento de Uso da Praia, com punições para quem descumprissem as regras de uso do lugar.

Com o tempo as fiscalizações se tornaram mais escassas e o uso desordenado se tornou mais comum. Os banhistas e usuários que vem até a comunidade em busca de lazer, caracterizado no turismo como seguimento de “Sol e Praia” trazem junto a suas embarcações o desrespeito ao espaço usado. Os banhistas frequentadores da comunidade atracam seus lates, lanchas e barcos na praia, permanecendo durante todo o final de semana, trazendo o barulho urbano para dentro de uma comunidade rural pacata e tranquila.

Ao cair da noite, no alojamento para pesquisadores do INPA, que nos foi cedido gentilmente pelo Sr. Jaumir. Ouvimos a música advinda das embarcações e todos os ruídos provocados por uma noite de baderna na praia. Apesar de o alojamento ser um lugar isolado, distante da comunidade, localizado do outro lado do lago do Tupé e inteiramente cercado pela floresta, não é o suficiente para bloquear os altíssimos ruídos sonoros advindos das embarcações ancoradas na praia. Nesta proporção imaginemos o desconforto dos moradores da comunidade, que recebe o impacto da poluição sonora durante a noite na frente de suas casas, pois as disposições das casas se encontram de frente para o rio e a praia. A imagem a seguir reflete a tipologia das embarcações que ancoram na praia do Tupé e pernoitam por todo o final de semana. O uso do espaço se entende por todo lago do Tupé, praia e raramente adentram na comunidade.



Foto 15: embarcações ancoradas na
Fonte: Acervo pessoal da autora

As perturbações causadas por membros externos à comunidade estão relacionadas ao impacto ambiental corrente, advindo juntamente com as mudanças de praticas exercidas na comunidade. O que antes era estranho ao modo de vida pacato da comunidade, se tornou regular e comum.

Impacto ambiental é, portanto, o processo de mudanças sociais e ecológicas causado por perturbações (uma nova ocupação e/ou construção de um objeto novo: uma usina, uma estrada ou uma indústria) no ambiente. Diz respeito ainda à evolução conjunta das condições sociais e ecológicas estimulada pelos impulsos das relações entre forças externas e internas da unidade espacial e ecologia, histórica ou socialmente determinada. É a relação entre sociedade e natureza que se transforma diferencial e dinamicamente. Os impactos ambientais são escritos no tempo e incidem diferencialmente, alterando as estruturas das classes sociais e reestruturando o espaço. Gerra e Cunha (2001) apud Nascimento e Torres (2011, p.38)

Os autores (2011) explanam sobre as diversas tipologias do impacto ambiental, no urbano ou no rural, ambos são impulsionados por condições sociais e biológicas presentes nas teias de interdependências da relação homem e natureza. Seguindo as condições vivenciadas pela a comunidade nos deparamos com as características das embarcações ancoradas na praia. Estas são visivelmente percebidas diante dos olhos e sinalizam indicativo do padrão social dos frequentadores na praia.

As badalações se estendem pelo rio até o lago do tupé, os proprietários das embarcações utilizam seus *Jetskis* na água como motos em alta velocidade na estrada. Toda

atividade perdura durante a noite inteira, prosseguindo na manhã seguinte durante todo o dia até que se acabe o final de semana ou feriado.

Para os que utilizam do turismo na praia como forma de sobrevivência o movimento e a presença dos visitantes são boas para venda. Mas, analisando os comportamentos e coletando informações durante as conversas com os vendedores na praia, podemos relatar que os maiores consumidores são os banhistas que utilizam da empresa ACANDAF para chegarem até a praia, pois as embarcações causadoras dos maiores transtornos veem munidas de seus próprios suprimentos. Muitas delas sequer ancoram na praia, permanecem ancoradas somente no meio do lago, causando transtornos com o barulho advindo alto volume do som e de seus “*Jet-skis*”, não deixam nenhuma economia para o local.

Em meio às frenéticas movimentações no rio, no lago e na praia, os moradores da comunidade tentam prosseguir com suas atividades. Ao final do dia por volta das 17:00 horas uma moradora aproveita a diminuição no fluxo dos visitantes na praia, após o retorno das pequenas lanchas a capital, para praticar a pesca com o caniço. “*com muito barulho os peixes não pegam a isca*”.



Foto 16: O lazer da pesca com caniço
Fonte: Acervo pessoal da autora

A diferenciação entre os grupos internos a comunidade e ao grupo visitante é apresentada através de características que nos possibilita fazer o comparativo entre o lazer da classe social elevada vinda do urbano com o lazer da classe social estabelecida na zona rural e perceber seu distanciamento. Os valores e as formas de comportamento diante do meio ambiente discorrem para lados opostos. Temos em um mesmo espaço dois extremos: O sentimento de prazer com o lazer caracterizado pela ostentação; do outro lado, temos o sentimento de lazer a partir do relaxamento com uma prática tradicional oferece. Ambos usufruem do contentamento que a natureza dispõe a partir de suas individuais percepções.

Tal comparação se fez como mera exposição das diferenças, na tentativa de obtermos um comparativo do impacto obtido entre as duas formas estabelecidas de lazer e como cada grupo ocupa seu tempo ocioso usufruindo de um mesmo espaço, mas como diferentes aparatos para o uso.

2.2 O URBANO NA VIDA DE UMA COMUNIDADE RURAL

Somos movidos por um tempo sociológico cada vez mais acelerado, somos impulsionados a correr contra o tempo, sempre em busca dos nossos objetivos, sejam eles pessoais ou materiais. E é durante a corrida de uma vida acelerada que deixamos o rastro da destruição através do consumo, somos o que consumimos; somos tudo aquilo que absorvemos através dos cinco sentidos.

Para isso precisamos conhecer e discutir sobre a tal sustentabilidade, bastante comentada e pouca compreendida. Pode ser interpretada sobre vários viés, tais como a do biólogo, do ecólogo, do economista etc. Contudo, tendo como referência o que nos apresenta Andrade (2014), uma maneira simples de vê-la:

Não mais (apenas) um atributo de um tipo de desenvolvimento. Não algo a ser atingido, mas um processo contínuo que envolve muito mais do que consumir tomates orgânicos, usar energia solar ou banir sacolas plásticas nos supermercados. Envolve um projeto de sociedade alicerçado na melhoria da mente, na evolução espiritual, em princípios como os que expõem a **Carta da Terra** (2011) e entre os quais se incluem o respeito à Terra e à vida em toda sua diversidade; cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor; construir sociedades democráticas, justas, participativas e pacíficas; prevenir o dano ambiental; erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental; prover transparência e responsabilização no exercício do governo, participação inclusiva na tomada de decisões e acesso à justiça; integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos,

valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável; promover uma cultura de tolerância, não-violência e paz. Andrade (2014,p.114-115).

Sustentabilidade, portanto, se tornou a palavra mais falada e cobrada nas comunidades amazônicas, estando presente como uma das temáticas mais discutidas no Brasil e no mundo desde a Eco 92 e a Rio 92²⁹. Tal expressão carregada de ações e posicionamentos se tornou indispensável para a continuidade da vida através da preservação dos recursos naturais, principalmente quando falamos da importância da consciência sustentável no dia a dia de todos.

Num mundo no qual a produção de lixo parece (ainda) não ser bastante, até a órbita espacial terrestre se tornou um verdadeiro lixo. Nela, inclusive, se estima que pelo menos 23 mil pedaços dos mais diversos equipamentos espaciais (lixo espacial)- tais como sondas e observatórios – flutuam; ora danificando satélites em uso, ora caindo sobre a superfície do planeta (MELO, 2011; MONSERRAT FILHO, 2011; OLIVEIRA et al., 2011; apud ANDRADE 2014, pág. 29.)

Os problemas enfrentados coma poluição e o descarrego do lixo não se limita somente ao plano terrestre. O consumismo do homem juntamente com a ambição pelo descobrimento de dimensões cada vez mais distantes e inexploradas nos aproxima da conquista do mundo ao mesmo tempo em que estamos mais próximos do declínio. [...] a percepção de que o *homo oeconomicus* transforma os recursos da Terra em lixo mais rapidamente do que a natureza consegue regenerá-los. (ANDRADE 2014, pag. 17).

Como forma de discutir os problemas presentes que nos trazem grandes preocupações futuras usa-se hoje a sustentabilidade - que se tornou o centro dos diálogos entre uso e preservação ambiental.

O homem, portanto, ou pelo menos uma determinada quantidade deles já percebeu a necessidade do cuidado e da preocupação com o amanhã, na perspectiva de agir e tentar reverter os danos na tentativa de ver no futuro um mundo ainda habitável para nossos descendentes e sucessores responsáveis pela geração do amanhã. [...] *A sustentabilidade encontra sua razão e sua motivação não nas leis objetivas da natureza e do mercado, mas no pensamento e no saber; em identidades e sentidos que mobilizam a reconstrução do mundo (LEFF, 2001, p.413).*

²⁹ Ocasão em que chefes de Estados se reuniram na conferência organizada pelas Nações Unidas-ONU, nos dias 3 a 14 de junho de 1992 na cidade do Rio de Janeiro para discutirem sobre o meio ambiente e o desenvolvimento.

Pensar no mundo e pensar em uma crise ambiental presente é assustador e triste, mas somente pensando assim é possível trazer o tema para o conhecimento das pessoas, nem que seja de forma supérflua, sob influência da mídia. Percebemos a discussão sobre o tema em lugares comuns, deixando de ser assunto somente de caráter científico, fazendo parte das discussões no cotidiano das pessoas.

Nas escolas, as crianças passaram a trabalhar com pequenos projetos de sustentabilidade, aprendendo a importância da água e da floresta; As empresas passaram a oferecer palestras e workshops para os funcionários, buscando mostrar que apesar de ser uma empresa poluente também contribui fazendo sua parte para a preservação do planeta, ao menos produzindo sacolas recicláveis que certamente também poluirão algum igarapé; Nas mídias sociais se tornou “status social”, uma espécie de boa imagem para os que aderirem a “#sustentabilidade#”, mesmo que na vida real suas ações corram no sentido oposto de uma vida sustentável e mais consciente.

A palavra sustentabilidade vulgarizou em rótulos, produtos e propagandas. Tornou-se marketing principal de grandes empresas poluentes, na tentativa de reverter à imagem desagradável da crise ambiental. Desta forma, perante tanta poluição visual e auditiva que distorce o verdadeiro sentido de sustentabilidade, acabamos por absorver somente o conteúdo imposto pelas mídias. Colamos o adesivo da folha verde na parte traseira do carro, para que todos possam ver que contribuímos através da força do pensamento por um mundo melhor; depositamos toda confiança e responsabilidade nas mãos de nossos governantes que se digladiam pelo poder e nas grandes empresas onde as maiores preocupações se devem aos lucros; acreditamos que os problemas ambientais que assolam a atualidade e ameaça o futuro possam ser solucionados através da ação do outro. Desta maneira, podemos nos tranquilizar e continuar vivendo uma vida regada de praticas e ações crentes serem pequenas para acabar com o planeta.

Estas sentenças se tornam pesadas para os desconhecedores de tais malefícios, mesmo acreditando que tais pessoas fazem parte de uma pequena parcela da sociedade, pois com tantos veículos de comunicação, qualquer pessoa mesmo distante da capital, tenha em algum momento ouvido a palavra sustentabilidade mesmo sem saber seu significado. Tais discussões são necessárias na tentativa de produzir consciência ambiental perante a realidade global.

Ao tentar imaginar um futuro com pessoas que vivem sem se preocupar com as consequências ambientais de seus próprios atos, utilizamos a animação para exemplificar os

danos de tal atitude “Wall-E”, da Walt Disney Pixar, o filme nos traz uma projeção do futuro, nos faz refletir sobre os atos do presente, sendo possível perceber através de um filme direcionado para crianças que mesmo não querendo, estamos caminhando para um futuro idêntico.

A escolha por uma vida prática nos conduz a mudanças de hábitos que agredem tanto a nós mesmos, quanto ao meio ambiente. Atualmente, se propiciar de uma comida saudável se tornou mais caro e em alguns casos específicos como na comunidade São João do Tupé que está caminhando na contra mão de uma vida saudável, a opção por alimentos não naturais se tornou frequente. Nota-se uma perda da identidade alimentar dessas populações e a penetração de alimentos industrializados, como frango congelado, bolachas, embutidos e refrigerantes, em suas dietas.

A constatação foi feita por pesquisadores do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (Cena), da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq) da USP e das Universidades de Brasília (UnB), Federal do Acre (UFAC) e do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em estudos com apoio da Fapesp. O levantamento mostra que apesar do isolamento, as populações rurais de várias regiões do Brasil têm aderido cada vez mais à ‘dieta de supermercado’, composta por alimentos processados.

Para a Professora da UnB Gabriela Bielefeld Nardoto, uma das autoras do trabalho, [...] “À medida que essas comunidades perdem sua identidade alimentar, também acabam perdendo sua relação com a paisagem local. Se não precisam mais do peixe para se alimentar, o rio deixa de ser uma fonte alimentar e passa a ser somente um meio de transporte”. NARDOTO, 2011.

A mudança no modo de vida inverteu o quadro de uma alimentação a base de alimentos da terra para uma alimentação com produtos industrializados e de fácil preparo como enlatados e embutidos. Segundo as entrevistas, antes o café no interior³⁰ era conhecido tradicionalmente pela fartura de alimentos da terra, postos a mesa como a pupunha, macaxeira, banana frita, tapioca, tucumã, dentre outras delicias, hoje este se resume a pão e bolachas. Uma simples mudança no hábito alimentar impulsionou uma série de outras mudanças culturais, ecológicas, biológicas e econômicas.

³⁰ Interior é a expressão utilizada quando nos referimos aos municípios do interior do Estado ou as comunidades da zona rural, sejam elas ribeirinhas ou não. O interior é o local distanciado da capital que está mais próximo da floresta e distante da cidade.

Existem mais produtos industrializados ao alcance de todos, conseqüentemente existem mais embalagens a serem despejadas no meio ambiente. Houve o tempo em que o alimento advinha do que se plantava, hoje vem das compras realizadas na cidade, pois se tornou mais fácil se deslocar para a cidade para suprir suas necessidades alimentícias do que encarar o trabalho árduo de um roçado ou plantação, dificultada ainda mais pela burocracia em se morar em uma área sob proteção ambiental.

Silva & Begossi (2007) descrevem que a principal fonte de itens alimentares de uma população ribeirinha do Rio Negro na Amazônia provém de compras urbanas, no caso, 65% do total. Desta forma, fatores como estilo de vida, hábitos alimentares, acesso facilitado às áreas urbanas e a sazonalidade dos recursos naturais dificultados principalmente em áreas de várzea, inviabilizam a produção agrícola tornando propenso o aumento do consumo de itens alimentares industrializados como estratégia de sobrevivência.

Neste sentido, por meio dos mecanismos diversos de transformação da alimentação tradicional local perante o maior contato com a cidade, a preocupação é que a dinâmica sociocultural constituída acabe que por desvinculá-los – povos locais – de sua atmosfera material e simbólica, historicamente desenvolvida através dos meios naturais de subsistência. Noda SN, Noda H, Martins ALU. In: Garamond; 2006.p. 163-194.

Aos poucos as grandes empresas alimentícias, referência na fabricação de alimentos prontos, deixam de possuir apenas bases fixas na capital e passam a utilizar os rios para levarem seus produtos a pessoas das classes C, D, E. As comunidades ribeirinhas e longínquas do Estado podem não possuir uma educação de qualidade que cheguem as suas localidades, mas possuem empresas como a Nestlé que investem em navios e contratam representantes para levar os alimentos pobres em nutrientes para as famílias de baixa renda. *"Queremos entender e ter mais contato com o consumidor de baixa renda, com produtos diversificados e canais diferentes de venda"*, é o que argumenta Alexandre Costa, diretor de regionalização da Nestlé Brasil. Segundo a veiculação da notícia em 2010 aos jornais a empresa havia investido cerca de R\$ 1 milhão neste projeto e esperava que em torno de 800 mil pessoas passassem pelo "supermercado" ao mês.³¹

Este é um fato que vem contribuindo de forma negativa na qualidade alimentar de muitas famílias ribeirinhas. Em São João do Tupé não há a presença do barco supermercado Nestlé, mas há frequentes varejistas que vem até a comunidade vender os produtos que os comunitários não puderam comprar na cidade. Dentre estes produtos estão os pacotes de variados salgadinhos de milho, biscoito recheados, conservas em lata e muitas balas para entreter as crianças.

³¹ Disponível em: <http://g1.globo.com.br/> Acesso em: 10 julho 2018

As famílias guardam o dinheiro durante toda a semana a esperado dia exato da passagem do vendedor ambulante pela comunidade, as crianças de longe avistam a pequena lancha cheia de mercadorias fazendo a travessia do rio e avisam aos pais, aguardam ansiosas e agitadas na beira do rio.

Especialmente no final de semana a família indígena não se preocupa com a alimentação, pois o vendedor trás sob encomenda marmitas e suprimentos para toda família, que estarão ocupadas durante todo o dia recepcionando os visitantes. Esta rede de interdependência é gerada de forma indireta pelo turismo, pois com a renda advinda das apresentações dos rituais aos turistas, as famílias adquirem condições de comprar comida de um distribuidor terceiro, este, da mesma forma também será beneficiado pelo capital injetado na comunidade através do turismo.

O poder de compra se torna forte influenciador na mudança do modo de vida local, principalmente na mudança de hábitos alimentares. Inconscientemente as pessoas transformam o ser e o existir de uma cultura, absorvendo o urbano mesmo estando no rural, daqui a pouco não conseguiremos mais distinguir as particularidades do rural, pois este se apresenta cada vez mais imbricado ao urbano.

2.3 SUJEITOS, ATORES E PROTAGONISTAS DAS FIGURAÇÕES EM SÃO JOÃO.

As observações em campo nos permite exportar o emaranhado de teorias lidas nos últimos dois anos. Passamos a observar o dia a dia do outro sob uma análise filosófica a partir da percepção do “tempo”, este que se mantém maleável e constante, ora com um ritmo acelerado em que não nos permite aproveitá-lo, ou em momentos em que se apresenta tão pacato ao ponto de nos trazer a sensação de estagnação.

Sabe-se que os relógios exercem na sociedade a mesma função que os fenômenos naturais - a de meios de orientação para homens inseridos numa sucessão de processos sociais e físicos. Simultaneamente, servem-lhes, de múltiplas maneiras, para harmonizar os comportamentos de uns para com os outros, assim como para adaptá-los a fenômenos naturais, ou seja, não elaborados pelo homem. (ELIAS 1998, p.08)

As pessoas na comunidade São João vivem um tempo diferenciado da grande cidade, um tempo social atrelado ao tempo da natureza. A aproximação com o rio e a floresta permitem relações de interdependência não somente com as pessoas desta figuração, mas a todo ambiente a sua volta, tudo está inteiramente conectado e interligado ao tempo natural do

meio ambiente. As pessoas e suas relações sociais recebem a influencia que emana das forças naturais que os cercam.

As crianças precisam adequar o tempo micro vivido na comunidade com o tempo macro do calendário escolar, obedecer ao cronograma estabelecido pela SEMED. O tempo vivido na hinterlândia Amazônica discorre em velocidade e características diferentes, influenciando diretamente no modo de vida da população local. No que se refere à educação nas escolas, os professores são cobrados para que cumpram os prazos estabelecidos de acordo com o tempo macro, mesmo que em determinadas épocas do ano inevitavelmente enfrentem a força da natureza. O fenômeno natural conhecido como enchente, dada pela cheia dos rios, assim também como a seca dos rios, ambos dificultam o acompanhamento das atividades escolares sincronizadas ao calendário das outras escolas do estado do Amazonas, consequentemente interfere no cumprimento dos deveres na escola designados tanto aos professores quanto aos alunos.

Pensando no tempo diferenciado vivido pelas comunidades e interiores do estado diretamente influenciadas pela aproximação com a natureza à volta, algumas escolas conseguiram o direito de seguir um calendário³² diferenciado, estabelecido de acordo com as características locais e as vivências ecológicas e culturais do lugar.

A educação nos centros urbanos apresenta deficiências que se evidencia ainda mais no meio rural, onde a problemática se expressa na carência de professores, na dificuldade de acesso das crianças à escola, inadequação do ano letivo à sazonalidade e às atividades agrícolas regionais, no uso dos materiais didáticos e no desenvolvimento de programas de ensino inapropriados ao contexto rural. Essas dificuldades acentuam-se na realidade a REDES do Tupé, pois às distâncias geográficas somam-se as ações ainda mais limitadas do poder público. (Plano de Manejo da RDS do Tupé – 2008).

Na escola os problemas são vivenciados principalmente pela falta de professores para suprirem as necessidades do processo de ensino e aprendizagem. Segundo o DIZA (Distrito da Zona Rural) Atualmente a Escola Municipal São João acolhe 71 alunos ao todo, estes estão divididos entre alunos da educação infantil ao 9ª ano. As mães dos alunos relatam que o quantitativo de alunos moradores de São João e das comunidades circundantes não supre o quantitativo ideal para se formar uma única turma com alunos da mesma idade. O conteúdo direcionado para determinada série é compartilhado entre os alunos com idades diferentes,

³²Os calendários utilizados para o ensino básico e fundamental pela escola em São João estão disponíveis nos anexos.

denominada pelo MEC de classes Multisseriadas. Os alunos mais jovens juntam-se aos alunos mais velhos em uma única turma, pois não há estrutura para dividir as turmas por idade, assim como é feita na capital.

As classes multisseriadas são salas com alunos de diferentes idades e níveis educacionais nas quais estão cerca de 60% dos estudantes do campo. Segundo o Censo Escolar 2009, existem 96,6 mil turmas do Ensino Fundamental nessa situação em todo o País. A baixa densidade populacional na zona rural, a carência de professores e as dificuldades de locomoção são alguns dos fatores que motivaram a criação das classes multisseriadas. Além desses fatores, existem poucos docentes das séries iniciais do Ensino Fundamental com nível superior. RODRIGUES, LUCAS (2012)³³.

As classes multisseriadas são bastante desafiadoras para os professores que precisam organizar o conteúdo em sala para alunos de idades e séries diferentes em um mesmo espaço. Para o MEC esta é uma forma de organização de ensino para que as crianças moradoras de áreas isoladas possam ter acesso à educação.

Ser professor é ser cotidianamente desafiado, pois este leva nas costas a formação educacional de cada aluno presente em sua sala. Neste modelo adotado como multisseriado, bastante presente na zona rural do País, o esforço diante do processo de ensino e aprendizagem dentro da escola se torna ainda mais desafiador. O professor tende atender a alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes, equilibrando o conteúdo as várias séries do Ensino básico ao Fundamental simultaneamente.

Desta forma, as classes multisseriadas trazem para os professores além de novos desafios, novas dificuldades para a atividade docente. Os professores que prestam serviço nas comunidades ribeirinhas enfrentam um primeiro obstáculo dado ao transporte exclusivamente via fluvial. Enfrentam muitas vezes tempestades apavorantes que transformam as águas do rio Negro, vislumbradas como o espelho negro de águas em furiosos banzeiros arremessados pelo vento, fazendo o barco balançar e até muitas vezes virar. O desafio posterior advindo pelo distanciamento da capital vem com a necessidade de se hospedar no lugar onde a escola está localizada e por lá permanecer por 15 dias ou até que se conclua a disciplina. Após os desafios iniciais precisam adaptar o plano de aula para uma sala extremamente heterogênea, este plano precisa comportar todos os alunos, independente do nível de conhecimento de cada um. Desta forma, neste modelo de ensino os professores tendem a obter mais dificuldades de se realizar atendimento individual aos estudantes e planejar as aulas para diversas séries em

³³ Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/Acesso> em: 20 junho 2018.

uma única turma do Ensino Fundamental.

Após a retirada do véu que cobria os olhos, obtivemos uma visão para além da estética, uma visão utilitária do lugar. Visão estética do lugar é o olhar direcionado somente para os atrativos e para embelezar da floresta que engrandece um final de semana prazeroso na comunidade e a visão utilitária surge a partir do momento em que se compartilha dos problemas, em que se direciona o olhar para as estruturas e as relações internas da comunidade.

Chega o momento de descrever as atividades e os comportamentos por trás da cortina verde composta pelas árvores e a areia branca da praia do Tupé. As constantes observações e as longas conversas com os sujeitos da pesquisa nos permite conhecer além do belíssimo espaço geográfico que a comunidade dispõe. Nos deparamos com conflitos e tensões próprias de São João do Tupé, por se tratar de problemáticas que envolvem o modo de vida local e os processos que norteiam as mudanças no dia a dia. A comunidade não possui problemas especiais, possui problemas comuns a todas as outras. Mas por sua vez encontra no seu cotidiano situações conflitantes.

O exemplo disto, a mais recente reivindicação exportada pela representante da comunidade, a de que os moradores possuem identificados na fatura de energia, Bairro: Ponta Negra, acreditando-se ser a razão pela qual suas contas de energia possuem valores exorbitantes. Reivindicam também o descontentamento aos serviços e manutenção da iluminação pública cobrada como taxa em suas faturas, mas em falta na comunidade. A prefeitura justificou a falta do serviço na comunidade com a explicação de que o projeto “Luz para todos” não contempla iluminação pública. A suspeita dos moradores pelo alto valor das taxas de energia dar-se pelo endereçamento ligado ao bairro nobre de Manaus- Ponta Negra.

Mesmo sem perceber aos poucos a comunidade passa a ser estruturada para o lazer. Aos poucos o custo de vida está se tornando inviável aos moradores que precisam abastecer suas casas na cidade, pois na própria comunidade os valores das mercadorias, serviços e o consumo em geral giram em torno do grupo consumista temporário que frequenta e mantém moradias temporárias na comunidade- os proprietários das casas construídas especialmente para o lazer.

Chamamos na teoria de especulação imobiliária³⁴, mas para os moradores, são apenas os “Doutores” donos das casas mais bonitas e bem cuidadas. Utilizam do mesmo espaço, mas dispõem de realidades diferentes. Enquanto os donos das casas de veraneio usufruem de suas propriedades somente em datas esporádicas como finais de semana e feriados, os moradores compõem o espaço natural e cultural do local, vivendo diariamente com os verdadeiros problemas.

As tabernas e os pequenos comércios aumentaram na comunidade, muitas famílias viram a oportunidade de aumentar a renda abastecendo aos outros vizinhos. O comércio ganhou força e rapidamente muitas casas possuíam algum tipo de mercadoria para vender, até mesmo gasolina, pois a essa altura quase todas as famílias possuíam um motor de “popa” (rabeta), um bem utilizado não somente para suprir a necessidade de deslocamento, mas como indicativo de status social entre os moradores.

Seguindo a cronologia de mudanças figuracionais, a comunidade São João ganhou visibilidade, trata-se de uma grande área de valorização ambiental, atraiu mais visitantes e novos moradores; passou a ser um dos principais locais de refugio para os cidadãos de Manaus e movimentou o turismo comunitário no Amazonas fazendo com que casas de veraneio e pousadas para aluguel fossem construídas aos visitantes esporádicos da comunidade. Consequentemente o comércio local precisou acompanhar a nova classe social agora frequentadora assídua na comunidade, à mercadoria vendida nas pequenas tabernas adquiriram preços exorbitantes, desta forma, o comércio local ficou inviável para o comunitário, forçando viagens cada vez mais frequentes a capital, a fim de suprir suas necessidades com produtos mais baratos.

Cada elemento da natureza, desde uma pequena semente a uma grande árvore, possui sua importância e de forma insubstituível contribuem para o equilíbrio e o bem estar do meio natural e de todos que dele usufruem. Uma mudança gera outra mudança, como uma grande teia de aranha interligada fio a fio formando um belo desenho, mas ao se esbarrar em uma única parte toda a estrutura da teia e suas infinitas ligações são abaladas. Em nosso dia a dia, em nossas convivências somos dependentes do outro, ligados a uma única sociedade interdependentes entre si.

Observamos que o lugar construído especialmente para finalidade do lazer possui

³⁴Segundo o site dicionário financeiro “A especulação imobiliária é o ato de investir em bens imóveis – como casas, edifícios, salas comerciais ou terrenos – esperando obter lucros acima da média dos demais investimentos com sua venda ou aluguel em um momento futuro”. Disponível em: <https://www.dicionariofinanceiro.com> Acesso em: 10 junho 2018.

características que o transformam em refúgio para os que necessitam acionar a válvula de escape para o estresse da vida urbana. O proprietário possui preocupações diretas não somente com o interior da casa de refúgio, mas principalmente com a beleza estética que ela pode transmitir. O sentir-se bem precisa ser sentido antes mesmo de se chegar a propriedade. O caminho também precisa ser apreciado, o cérebro vai recebendo impulsos de relaxamento à medida que o caminhar até a casa os traz a leveza do que se espera de um final de semana relaxante. A imagem a seguir mostra claramente que há um diferencial principiante desde o acesso a residência até sua estruturação como casa de veraneio.

A preocupação com a aparência externa das casas é compartilhada por muitas propriedades da comunidade, principalmente das casas pertencentes aos proprietários “Doutores”. Isto não significa que não há casas estruturalmente simples pertencentes aos comunitários, que não se preocupa com arborização de suas casas. No interior é muito comum o plantio de plantas ornamentais e frutíferas na frente de suas casas. As diferenças entre as propriedades são nitidamente visíveis, mas há semelhanças que os tornam próximos, ambos procuram a aproximação com o natural, procuram a calma de uma vida tranquila no interior, próximo a floresta e ao majestoso Rio Negro.

As casas são visivelmente diferenciadas das demais casas na comunidade, possuem características voltadas especialmente para o lazer, refletem o principal motivo de se manter uma casa longe da cidade. Trazem consigo as características que revelam a proximidade com a floresta sem deixar de lado o conforto. Podem ser casas de madeiras ou de alvenarias, mas ambas deixam transparecer o lazer no meio ambiente.



Foto 15: Caminho que leva até as casas dos veranistas
Fonte: Acervo pessoal da autora



Foto 16: Varanda da casa de veraneio cuidada por uma comunitária
Fonte: Acervo pessoal da autora



Foto 17: Casa simples do morador local
Fonte: Acervo pessoal da autora

Além de questões estéticas que diferenciam as moradias dos veranistas das moradias de moradores permanentes da comunidade, estão os déficits na infraestrutura local. A exemplo, o instável serviço de fornecimento de energia. Com a falta contínua de energia na comunidade, a presidente precisa se mobilizar e questionar o fornecimento à prefeitura se deslocando até a capital. Já os moradores esporádicos não precisam se preocupar com tal incomodo, pois durante a falta de energia elétrica os geradores particulares são acionados imediatamente, capazes de fornecer energia para suas casas à noite inteira, sem prejudicar o conforto levado da capital para a comunidade. São as diferenças sociais aparentes para alguns e ao mesmo tempo invisíveis para outros, estando presente no cotidiano compartilhado por estas pessoas. Para Elias *“o poder, pode ser distribuído muito desigualmente, porém, sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas”* Elias 1980 apud Mattos 2015 p. 115.

Neste caso, os donos das casas de veraneio dependem dos serviços prestados por determinados moradores da comunidade para que cuidem de suas propriedades durante sua ausência, assim como tais moradores dependem do valor recebido por seus serviços prestados

para garantir a renda familiar que os mantém. Forma-se nesta figuração uma rede de interdependência entre o estabelecido e o outsider.

Diante desta perspectiva, levamos em consideração os fundamentos do Ministério do Turismo –Mtur (2008) que diz: Turismo de Base Local ou Comunitária deve ser fundamentados no princípio da economia solidária, possibilitando ser organizado por seus moradores locais através de cooperativas ou associações, a fim de promover o desenvolvimento sustentável local, a melhoria nos aspectos socioeconômico, cultural, ambiental, além de trazer benefícios na mudança comportamental e nas atitudes dos envolvidos para com o meio ambiente.

Na realidade vivenciada pela comunidade seus membros sentem na prática a inexistência da realização da teoria propagada pelo Ministério do Turismo. São essas adversidades que nos permitem confrontar a realidade, nos fazem enxergar o caminho para se alcançar os objetivos propostos por esta pesquisa - descrever a realidade da comunidade receptora de práticas turísticas, a fim de poder caracterizar tal modalidade turística conforme sua execução e utilidade na prática.

Aos poucos nos damos conta dos problemas e das estruturas sociais na comunidade. Os relatos e as longas horas de conversas com os membros da comunidade nos ajudam a compreender o que os olhos captam. Em casa em casa, a cada foto, a cada olhar paralisado em uma única direção, observando estruturas físicas e sociais.

Analizamos e também somos analisados. Ao mesmo tempo em que se observa também se é observado. Os modos, as vestimentas, as trocas de histórias, tudo. Somos os outsiders na tentativa de sermos aceitos.

Após a apresentação de três figurações de moradias diferentes percebemos os distanciamentos nos padrões sociais, aproximação e a influência do turismo nas mudanças dos padrões sociais adotados por alguns moradores, que viram em seus novos vizinhos o suscitar para novos padrões de moradia. Aos poucos as moradias vão se aperfeiçoando esteticamente independente de serem destinadas para o turismo ou não.

CAPÍTULO III – TURISMO SUSTENTÁVEL NO MEIO AMBIENTE FÍSICO E CULTURAL.

3.1 TURISMO E MEIO AMBIENTE

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé (RDS) composta pelas comunidades: Julião, Livramento, Agrovila, Tatu, Colônia Central e São João do Tupé, poderiam fazer parte das muitas áreas da Amazônia onde populações tradicionais sobrevivem em áreas protegidas em equilíbrio com a natureza. Mas a realidade demonstra uma situação inversa, pois há um verdadeiro conflito ambiental vivido pelos ribeirinhos em decorrência do Decreto N.º 8.044 de 25 de agosto de 2005, criado para promover o desenvolvimento sustentável das populações tradicionais, com prioridade ao combate a pobreza, onde se lê:

Art. 1º-Fica criada a Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé (REDES do Tupé) com área total de 11.973 ha (onze mil, novecentos e setenta e três hectares) e perímetro de 47.056 m (quarenta e sete mil e cinquenta e seis metros), com o objetivo básico de preservar a natureza e, ao mesmo tempo, assegurar as condições e os meios necessários para a reprodução e a melhoria dos modos e da qualidade de vida e exploração dos recursos naturais das populações tradicionais, bem como valorizar, conservar e aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo do ambiente, desenvolvidas por estas populações.

Os conflitos e as tensões são normais a qualquer localidade, seja cidade ou comunidade, rural ou urbana. É absolutamente normal a estranheza diante do outro e diante do espaço usado, tendemos a querer dominar a natureza, seja ela biológica ou humana. Mas diante da problemática exposta pelos sujeitos da comunidade São João, as tensões se intensificaram com o integrar da comunidade na Reserva de Desenvolvimento Sustentável. Surgiram dúvidas, concordâncias e aceitações sobre as novas regras estruturais e comportamentais a cerca do uso sustentável do espaço. Para muitos houve um marco estabelecido pelo decreto N.º 8.044, passando a “restringir” que as reconhecidas populações tradicionais, residentes na área contemplada pela RDS, executem atividades realizadas de forma danosa ao meio ambiente. Houve o estabelecimento de novos padrões de realização de atividades como roçado, plantio, caça e pesca na qual a comunidade não estava acostumada a lidar.

As tais atividades permitidas ficaram sob o plano de manejo da RDS do Tupé, na qual vem se arrastando em reformulação há doze anos, pois o atual documento não esclarece quais atividades econômicas estão permitidas ou vetadas dentro da reserva. Sem as normas concretas estabelecidas o conflito ambiental ganha intensidade durante a espera pelo documento regulador. Este documento poderá trazer aos comunitários uma melhor compreensão do que pode ou não ser realizado na comunidade, para que o objetivo básico do Decreto N.º 8.044 seja alcançado, proporcionando a preservação da RDS juntamente como o bem estar de seus moradores.

Em entrevista realizada pela Amazônia Real, moradores da RDS do Tupé relatam a SEMMAS algumas angustias vividas após a implementação da Reserva, relatam a existência de irregularidades que ferem a legislação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (Sinuc), confrontando o comportamento de “sitiantes” que compram e vendem propriedades dentro da reserva, o que fomenta a especulação imobiliária, que é proibida pela legislação. As casas dos veranistas pertencem a Doutores e funcionários públicos que utilizam da comunidade como uma rota de fuga do estresse da vida urbana. As casas são visivelmente bem cuidadas e apresentam conforto em meio à natureza. A manutenção e os cuidados com a casa ficam sob a responsabilidade dos comunitários contratados como caseiros. Os proprietários somente usufruem de suas casas nos finais de semana e feriados, enquanto durante a semana os caseiros moram e tomam de conta da propriedade. É preciso ter sempre alguém na casa, para que se evitem os frequentes furtos aos imóveis da comunidade.



Foto 19: Casa veranista localizada as margens do lago do tupé
Fonte: Acervo pessoal da autora

Por outro lado, os moradores sentem o impacto dos diferentes padrões sociais estabelecidos na comunidade e o peso de uma vivência conflituosa da realidade vivenciada cotidianamente, não somente por períodos esporádicos. Os comunitários enfrentam as dificuldades de se morar em um território pertencente a Reserva de Desenvolvimento Sustentável, confrontando diariamente as diretrizes estabelecidas no plano de manejo com as praticasse atividades de sobrevivência na realidade.

“Aqui é quase um bairro de Manaus e estamos totalmente abandonados pela prefeitura e pelo governo. A Semmas deveria ter um projeto para as mulheres trabalharem, para os homens trabalharem. O meu marido está desempregado”, relata uma moradora durante a entrevista. Afirmando ainda que sua única renda advém do benefício Bolsa Família, valor referente à R\$ 411 pagos a ela por seus 4 filhos estarem na escola. “Até virar uma reserva, a agricultura e a pesca eram uma fonte de renda para as famílias do Tupé”. “Não vou dizer que o turismo vai resolver todos os nossos problemas, mas vai amenizar muito, com o turismo quem vier para cá já vai deixar um dinheiro para uma família comprar o frango, o leite, o arroz”. Relata outra moradora.

De acordo com informações disponibilizadas pelo Ministério de Desenvolvimento Social (MDS), através da Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação (SAGI), disponibilizada para consulta por meio de Relatórios de Informação (RI) de programas e ações do MDS.

O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa de transferência condicionada de renda que beneficia famílias pobres e extremamente pobres, inscritas no Cadastro Único. O PBF beneficiou, no mês de dezembro de 2018, 408.675 famílias, representando uma cobertura de 0 % da estimativa de famílias pobres no estado. As famílias recebem benefícios com valor médio de R\$ 229,63 e o valor total transferido pelo governo federal em benefícios às famílias atendidas alcançou R\$ 93.845.061,00 no mês.

Em relação às condicionalidades, o acompanhamento da frequência escolar, com base no bimestre de julho de 2018, atingiu o percentual de 86,4%, para crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos, o que equivale a 400.279 alunos acompanhados em relação ao público no perfil equivalente a 463.197. Para os jovens entre 16 e 17 anos, o percentual atingido foi de 77,8%, resultando em 75.702 jovens acompanhados de um total de 97.334. MDS 2018.³⁵

De acordo com o relatório disponibilizado, direcionado ao estado do Amazonas, o PBF beneficiou: 127.673 Famílias beneficiárias no município de Manaus, tendo % da população beneficiada pelo PBF: 19,31% aproximadamente, de uma População com 1.802.014 habitantes (CENSO 2010).

Periodicamente, o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) convoca as famílias beneficiárias do PBF para atualizarem seus cadastros nos processos de Revisão Cadastral e Averiguação Cadastral. Em cada um desses processos, as famílias são organizadas em grupos, com prazos diferenciados para a atualização cadastral. O pagamento do Bolsa Família é operado pela instituição financeira Caixa Econômica Federal (CAIXA), que é responsável pela emissão e entrega dos cartões e pelo atendimento aos beneficiários em seus canais de pagamento: agências, correspondentes lotéricos e correspondentes CAIXA. O município possui, atualmente, 119 canais de pagamento. MDS (2018).³⁶

Para tanto, podemos afirmar que muitas famílias da comunidade São João do Tupé são beneficiárias do Programa Bolsa Família, mesmo não tendo uma quantia exata de famílias beneficiárias na comunidade pela dificuldade de adentrarmos diretamente no assunto com muitas famílias, é notória a importância de tal benefício para a manutenção de suprimentos

³⁵ Relatório de informações sociais do Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário. Disponível em <<https://aplicacoes.mds.gov.br>> Acesso em: 18 julho 2018.

³⁶ Relatório do Ministério de Desenvolvimento Social- Secretaria Nacional de renda de cidadania. Disponível em <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/ri/carrega_pdf.php?rel=pbf_no_municipio>. Acesso em: 12 de janeiro 2019.

básicos que sustentam uma família inteira. Estas fazem questão de manter seus cadastros atualizados para que garantam seus benefícios mensais, retirados nas lotéricas da capital.

Em outro extremo da comunidade se encontram os muitos conflitos surgidos com a inserção da comunidade na Reserva de desenvolvimento Sustentável, a área passou a ser protegida e regulamentada por leis e decretos, limitando muitas praticas antes nocivas a preservação do meio ambiente local.

Até virar uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável municipal, a região do Tupé passou por várias tentativas de proteção nos últimos 25 anos. A primeira foi à transformação da Praia do Tupé, em 1990, numa Área de Relevante Interesse Ecológico, por meio da Lei Orgânica do Município de Manaus. Cinco anos depois, com a Lei Municipal 321, criou-se a Unidade Ambiental do Tupé (UNA Tupé). Em 2002, para se adequar à legislação federal do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), a UNA Tupé passou a ser uma RDS, cuja regulamentação oficial veio após o decreto de 2005.³⁷ PONTES, Fabio (2016)

Recentemente, os moradores se reuniram para finalmente aprovar o documento final do Plano de Gestão (Manejo) da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé, após ser submetido à consulta pública *on-line*, consulta presencial reunindo comunitários e representantes de instituições governamentais e não governamentais e revisão na Câmara Técnica do Conselho Deliberativo da RDS. Neste momento, resta aos comunitários aguardar e confiar que o plano de manejo auxilie na organização da comunidade, na potencialização do turismo e principalmente na melhoria da gestão, monitoramento e controle do uso de recursos naturais. A expectativa de que um documento regulador possa solucionar tais problemas vivenciados na comunidade divide opiniões entre seus membros, fazendo com que muitos o vejam como mera teoria, na qual o verdadeiro problema só poderá ser solucionado a partir de mudanças na pratica diária de cada um.

A comunidade São João do Tupé (locus da pesquisa) é apenas umas das seis comunidades integrantes da RDS do Tupé que vivencia o conflito ambiental em seu cotidiano. Na expectativa de amenizar a crise econômica presente, os comunitários apostaram no potencial turístico do local, utilizando o turismo na comunidade como uma importante alternativa econômica e social.

O turismo em comunidades trata-se de um novo segmento turístico que traz em sua estruturação a valorização da sociodiversidade, promovendo a integração do visitante com o

³⁷ PONTES, FABIO. População tradicional da RDS do Tupé vive conflito ambiental no Amazonas. Disponível em: <http://amazonia.org.br/> Acesso em: 27 Dezembro 2017.

modo de viver e de ser do visitado, ou seja, das populações tradicionais que se tornaram sujeitos intrínsecos ao conjunto de atrativos turísticos da região. Esta modalidade de turismo definida por diferentes denominações como “sustentável”, “de base”, “comunitária”, ou até mesmo “ecoturismo”, variando de acordo com seu contexto, se apresenta como uma oportunidade de se somar a renda familiar “sem prejudicar o meio ambiente”, abrindo espaço para a inserção de novos sujeitos sociais, os verdadeiros protagonistas do turismo.

Ao falarmos de sujeitos sociais ou protagonistas do turismo damos início a uma discussão do novo cenário turístico, onde se faz urgente à estruturação e a implementação de políticas públicas específicas a esta nova realidade das populações locais. Segundo Nóbrega (2007) políticas públicas direcionadas ao turismo implementadas entre 1970 e 1990, não obtiveram o êxito esperado devido a pouca ou até mesmo a falta de participação dos sujeitos sociais envolvidos que deixaram de ser ouvidos e atendidos.

Em meio aos muitos sujeitos que fazem parte da história e vida da comunidade, membros se destacam por seu protagonismo, fazendo-se necessária a sensibilidade no olhar, para que possamos compreender as partes que dão corpo ao enredo apresentado. Falo do Pajé Kisibi Kumu³⁸ que, junto a sua família, lutou na tentativa de manter viva a tradição Desana. Também residem na comunidade São João do Tupé, são integrantes das novas figurações estabelecidas na comunidade. Sobrevivem do artesanato, do conhecimento indígena e principiante do turismo. Kisibi-Kumu recuperou hábitos culturais por muitos anos esquecidos, produziu instrumentos, ensinou a música na língua materna, realizou rezas e benzimentos. Mostrou para seus dependentes o orgulho de ser indígena, deixando para trás o medo de “morrer queimado”, assim como terrorizavam os padres aos índios que insistissem em manter hábitos tradicionais.

Hoje, esta família Desana apresenta através da dança e dos artesanatos um atrativo turístico de grande importância para o turismo no Amazonas, oferecem aos seus visitantes a oportunidade de conhecer e vivenciar seu modo de vida e um pouco de sua história através dos ritos e canções. Estão em constante adequação às novas figurações do turismo e da comunidade, em meio à aproximação com o urbano, não se renderam e lutam por sua identidade. Valorizando a cultura, o espaço e as relações de interdependências.

³⁸ O Pajé Kisibi Kumu veio a falecer este ano de 2018. Uma grande perda para a comunidade. Um homem rico em conhecimentos tradicionais, um verdadeiro patrimônio cultural em pessoa, transformado pela história e os saberes adquiridos ao longo de sua vida. Um exemplo de firmação étnica.

3.2 CONSCIÊNCIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA REALIDADE DE SÃO JOÃO

Após da inserção da comunidade na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé, a palavra sustentabilidade começou a vigorar com mais força, passou a ser cobrada aos moradores, sem que soubessem seu verdadeiro significado. As mudanças impostas na comunidade “ditaram” novas práticas e novos modos de cultivo e manejo, modificando a estrutura familiar e cultural de muitos moradores.

A inserção da comunidade na Reserva trouxe aos seus moradores um assunto gerador de conflitos e divisor de opiniões. Havendo discussões em reuniões na comunidade com a tentativa de compreender as regras estabelecidas na teoria e o que pode ser realizado na prática.

Abro espaço para falar do projeto CT-Agro/CNPq 19 e 20/2005, trata-se de uma unidade familiar de produção (UFP) de tambaqui (*Colossoma macropomum*) “curumim” criados em tanques-rede, implementados pelos pesquisadores do BIOTUPÉ. O projeto teve como principal objetivo aproveitar o lago existente na comunidade São João do Tupé para o cultivo de peixes, gerando produção de alimento local e consequentemente uma importante geração de renda.

A equipe de pesquisadores do BIOTUPÉ coordenados pelo INPA (Instituto de Pesquisas da Amazônia) em parceria com a UFAM (Universidade Federal do Amazonas), CEULM/ULBRA (Centro Universitário Luterano de Manaus) e a UEA (Universidade Estadual do Amazonas), realizaram uma pesquisa prévia na comunidade e constataram que os moradores continham conhecimento prévio a cerca do cultivo de peixes, somando ao ambiente propício do lago do tupé, fechariam um conjunto ideal de condições para a execução do projeto tanque-rede desenvolvido no período de março de 2006 a maio de 2007.

Para execução do processo de implementação e manutenção dos tanques famílias da comunidade foram escolhidas segundo alguns critérios: ser morador fixo da comunidade, ter afinidade com a atividade de criação e manejo de peixes e principalmente estar disposto a participar do projeto desde a montagem dos tanques, instalação, povoamento e manutenção incluindo as biometrias mensais, manejo alimentação dos peixes, monitoramento da qualidade da água e a comercialização do pescado, ou seja, mostra-se comprometido com o projeto desde a fase inicial, passando pela produção e enfim a pesca, retirada dos peixes para a venda.

Infelizmente o comprometimento da comunidade não aconteceu como o esperado pelos pesquisadores, mesmo a comunidade sendo a maior beneficiadora do projeto. Após a instalação dos tanques os pesquisadores do BIOTUPÉ observaram que as famílias responsáveis pelo envolvimento no projeto não participavam de algumas atividades importantes para a manutenção e qualificação do projeto UFP.

Compra de ração e outros insumos como: balança, baldes, caçapas, luvas (utilizadas para biometria), escovas (para a lavagem dos tanques) e outros materiais de limpeza, cadeados (utilizados nas tampas dos tanques), cordas (amarrar os tanques e o flutuante), tintas (para a manutenção dos tanques) e outros foram realizadas pela equipe técnica em Manaus, sem a participação efetiva dos comunitários. Não houve a participação de nenhum representante da comunidade nas etapas de articulação, aquisição e transporte dos tanques e alevinos.

As relações antes tidas na comunidade apenas como reações socioculturais, foram agregadas por relações de cunho econômico, relacionadas ao ambiente de trabalho, exigindo uma relação diferenciada de convivência entre os envolvidos da UFP. Os pesquisadores observaram que alguns comportamentos do cotidiano foram alterados, as relações socioculturais entre os moradores passou a exigir novos comportamentos devido à mudança na rotina de trabalho, trabalhar em equipe exige atividades de desempenho em que o indivíduo se doa em prol do interesse coletivo. [...] *Inevitavelmente, surge à necessidade de adaptação ao sistema de trabalho coletivo que aos poucos foi se estabelecendo na realidade atual dos moradores, e nem sempre as partes envolvidas correspondem as expectativa do grupo.*³⁹

Este projeto apesar de apresentar enorme potencial para o fortalecimento da renda familiar de diversas famílias participantes traria rotatividade financeira direta ou indiretamente. Com o lucro da venda dos peixes a comunidade teria capital de giro e consequentemente traria melhoria para a qualidade de vida e econômica do lugar. Infelizmente o projeto não obteve continuidade e chegou ao fim. Os responsáveis locais em manter o projeto funcionando, após a saída da equipe de pesquisadores, não souberam ou não foram capazes de administrar de forma independente a prosperidade do mesmo.

³⁹ BioTupé: Meio Físico, Diversidade Biológica e Sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central – Vol. 03. Edinaldo Nelson SANTOS-SILVA, Mauro José CAVALCANTI, Veridiana Vizoni Scudeller (Organizadores). Manaus, 2011.

Durante conversas com os moradores observadores do processo invólucro ao projeto e principalmente conversas com os participantes diretos, obtemos informações que foram importantes para resgatarmos os principais erros na descontinuidade. Sr. Jaumir morador que acompanhou todo processo de implementação, problematização e finalização do projeto nos conduziu por entre as águas do lago do Tupé até o local onde os equipamentos teriam sido abandonados. Entre uma remada e outra nos foi relatando os reais motivos e falhas ocorridas para a descontinuidade do manejo de peixes nos tanques.

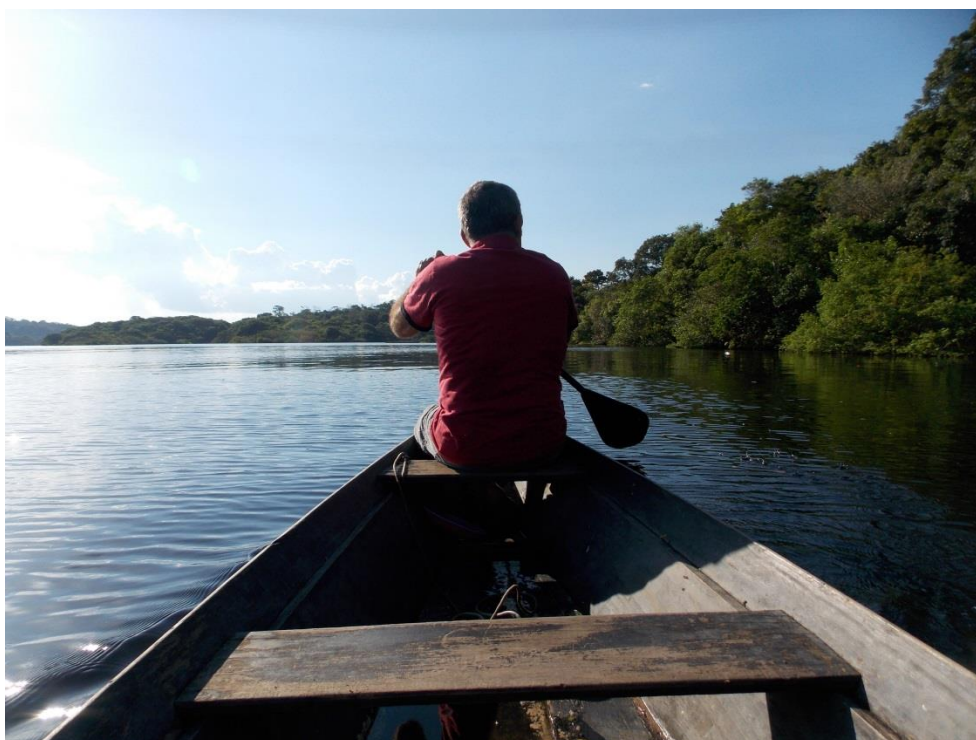


Foto 20: Sr. Jaumir durante a condução ao local utilizado para o projeto taques/ rede.
Fonte: Acervo pessoal da autora

“A equipe deu tudo, preparou os tanques, o flutuante era equipado com freezer para armazenar o peixe, tinham canoa e lancha. Até a ração e as redes eram dadas, tudo que eles queriam os pesquisadores davam”. Na medida em que os peixes ganhavam tamanho e peso ideal para a comercialização, estes eram retirados e vendidos. O valor referente à venda era repartido entre os comunitários responsáveis. Os pesquisadores por sua vez faziam a reposição dos alevinos, da ração utilizada para a alimentação e todo material necessário para a continuidade. Este ciclo se perpetuou por aproximadamente 2 anos.

Então, chegou o momento em que os idealizadores e responsáveis pela idealização e implementação do projeto se distanciaram e deixaram os moradores inicialmente

comprometidos com o projeto, como principais responsáveis. Suas obrigações seriam divididas entre cuidar do manuseio dos tanques, da administração dos recursos e acima de tudo, levar o projeto para frente, tais tarefas não foram cumpridas. Nos ciclos seguintes após a comercialização da remessa de tambaqui dos tanques, deu-se continuidade apenas ao compartilhamento dos lucros obtidos com a venda, mas a reposição dos alevinos, antes feita pelos pesquisadores não foi realizada. Não souberam administrar o capital para investir novamente na continuidade do negócio, ocasionando não somente a falência, mas longos conflitos entre os membros da comunidade responsáveis internos pelo projeto. Aos poucos os moradores foram abandonando os barcos, o flutuante, as redes, os tanques e os peixes, toda estrutura disponibilizada foi se deteriorado pela falta de cuidados até que se restasse apenas o descaso.



Foto21: Flutuante e Tanques redes deteriorados pela falta de cuidados
Fonte: Acervo pessoal da autora

Este é um assunto bastante comentado na comunidade, todos ficam indignados com a falência de um projeto que beneficiou muitas famílias, mas ninguém se responsabiliza por tal desfecho. Outras localidades também foram beneficiadas por projetos similares que ao contrário de São João, souberam lidar com os conflitos e levou a frente, obtendo hoje um forte

fomentador econômico, gerador de emprego e renda para a população local. A comunidade Santana localizada em Manacapuru é um exemplo de perseverança e prosperidade no manejo de peixes em tanques.

Há poucos anos o governo do Estado incentivou o cultivo de peixes em tanques-rede nas comunidades ribeirinhas do interior do Amazonas. Diversos projetos se espalharam pelo Estado com esse intuito. Nesse período foi fundada a Associação de Moradores do Lago do Santana, AMOS, composta por pequenos produtores rurais que habitam a área de várzea no Lago do Santana no município de Manacapuru. (EMPRAPA 2015)

Alguns moradores antigos que participaram do primeiro ciclo do projeto tentam reunir um grupo maior de pessoas, para que juntos possam reerguer o projeto tanques/rede e trazer para a comunidade a renda perdida com a paralização na comercialização do peixe tambaqui. Os interessados planejam aumentar a produção e expandir com a também criação de peixes da espécie pirarucu (*Arapaima gigas*). Mas, tal criação exigirá outros processos de manejo, que exigirá mais comprometimento. As reuniões estão prosseguindo lentamente, pois ainda há muitos conflitos internos mal resolvidos atrelados à problematização. Este projeto caracteriza um processo que envolveu um trabalho nunca antes desenvolvido na comunidade, onde se pode ganhar conhecimentos e experiências pessoais, sociais e econômicas, que resguardarão novas tentativas de futuros projetos em conjunto.

3.3 PLANEJAMENTO TURÍSTICO

O segmento turístico que aborda comunidades ribeirinhas e Amazônicas tem atraído turistas brasileiros e estrangeiros; recebendo investimentos governamentais e privados consideráveis no setor. O governo federal em conjunto com o Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal (PROECOTUR) destinou investimentos para viabilizar o desenvolvimento do “ecoturismo” na região Amazônica, estabelecendo a base de investimentos públicos necessários para a atração de investidores privados (Ministério do Meio Ambiente, 2012).

Ecoturismo e turismo comunitário seguem os mesmos princípios, ambos se referem a um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentivando sua conservação e provendo o bem-estar das populações envolvidas. De acordo com o manual indígena do ecoturismo (1997), podemos notar princípios que são adotados tanto no TBC quanto no ecoturismo. Nestes princípios são destacados que a tradição

cultural deve prevalecer. O respeito e a valorização da cultura local vêm concomitantemente com o grau de contato com a sociedade indígena. Por a comunidade na gestão da atividade em suas terras faz gerar recursos econômicos para melhorar a qualidade de vida. Usando de forma sustentável todos os recursos naturais, torna o turismo uma atividade complementar às atividades tradicionais e a outros projetos da sociedade. Os objetivos são praticamente os mesmos, mas, percebe-se que o ecoturismo diferente do (TBC) preocupa-se com a continuação de atividades exclusivas da comunidade, estas que dizem respeito somente às tradições do povo, ou seja, que apesar da grande interferência que o turismo causa na vida dos moradores, não podem deixar de seguir suas raízes, suas tradições que fazem parte da sua própria identidade.

Até então, no meio acadêmico não há uma única definição conceitual específica amplamente aceita que defina o TBC ainda que demonstrem similaridades de princípios antropológicos, sociológicos, econômicos, políticos, históricos, psicológicos e ambientais.

Portanto, diferente do turismo convencional, esta modalidade oferece ao público experiências socioculturais e ambientais únicas, promovendo a integração de comunidades ribeirinhas, rurais e indígenas. Araújo e Gelbcke (2008) atenua a importância da perspectiva ética e educativa do turismo comunitário:

O turismo comunitário não é apenas uma atividade produtiva, mas procura ressaltar o papel fundamental da ética e da cooperação nas relações sociais. Valoriza os recursos específicos de território e procura estabelecer relações de comunicação/informação com agentes externos, entre eles e os visitantes. Considera, portanto, a existência de uma relação dialética entre os turistas e a comunidade receptora. Araújo e Gelbcke (2008, p. 365)

No entanto, todo esse potencial do turismo não tem sido acompanhado apenas por efeitos positivos, pois também traz em seu bojo efeitos negativos que se refletem nas condições socioculturais e ambientais das sociedades e comunidades receptoras.

Uma realidade em que se podem perceber quem realmente lucra ou perde, pois, a comunidade é a principal afetada na repercussão desta atividade. Lage & Milone (2000) destacam que o turismo apresenta efeitos econômicos, sociais, culturais e ambientais múltiplos produzindo resultados nem sempre divididos igualmente entre os envolvidos. A população residente é vítima dos efeitos do turismo e sofre com alguns impactos negativos, como já ditos, o aumento descontrolado do número de turistas ocasionando agressões naturais e culturais no meio em que vivem.

As propostas ofertadas pelas agências são realmente encantadoras. Expõem que a relação entre comunidade e o visitante é de extremo respeito e troca cultural. Seria excelente pensar que desta forma, assim, esta prática só traria benefícios aos que ali habitam. Mas, deve-se analisar a outra vertente, onde os danos ocasionados por uma atividade descontrolada podem gerar impactos irreversíveis a relação sociocultural dos habitantes, ao meio ambiente e a história já preservada.

Infelizmente, não há um mapeamento preciso que aponte os reais impactos dessas atividades turísticas nas comunidades em estudo, em geral, os dados disponíveis são informais e imprecisos, quase sempre dados por terceiros, por pessoas que não representam os sujeitos das localidades onde essas atividades são realizadas. Desta maneira a elaboração e execução desta pesquisa na comunidade São João do Tupé tornou-se necessária não só para o planejamento turístico na comunidade, quanto para inserção da comunidade na atividade, lhes dando voz para que se pronunciem em relação ao seu *habitat*. Com todas estas questões expostas pertinentes ao turismo no baixo Rio Negro, surgiu a principal motivação deste estudo, descobrir a partir da abordagem sociológica desenvolvida por Norbert Elias como são os indivíduos que compõem as figurações Desana, como criam uma vida significativa, como estabelecem relações uns com os outros e com o turismo.

As comunidades indígenas que trabalham com apresentações culturais voltadas ao turismo, estão recebendo, paulatinamente, programas de visitas que promovem, além do ecoturismo, o turismo étnico e o turismo xamânico. Porém, tais atividades turísticas acabam prejudicando as comunidades indígenas e seu entorno. Grunewald (2014, p. 132) cita exemplos destes prejuízos em seu texto *Turismo e etnicidade indígena: novas tendências a partir do caso pataxó*. Muitas comunidades que respeitam o meio ambiente e extraem seus recursos de forma sustentável, estão sendo usadas pelos empresários da rede de turismo. Estes adentram com o intuito de promover o ecoturismo, mas acabam por desrespeitar a territorialidade e os modos de vida nativa, ocasionando danos as populações ali existentes. A pesca esportiva na Amazônia é outro exemplo típico da degradação, que gera danos às populações circundantes. Muitas tentativas de implementação de um turismo cultural e ecológico que valorize a sustentabilidade para o proveito das comunidades indígenas já foram realizadas, infelizmente não tiveram êxito. Predominando apenas o ecoturismo “capitalista”.

Segundo ASPELIN, (1977) o turismo passou a ser uma alternativa econômica para diversas famílias indígenas no Brasil desde a década de 1970, através *do turismo indireto*. Principalmente com a comercialização de seus artesanatos fora da aldeia, em locais como

aeroportos em lojas de souvenir, feiras abertas e demais lugares de exposição. Atualmente na cidade de Manaus há uma vulgarização dos artesanatos indígenas. São oferecidos aos turistas por valores superfaturados. Pessoas não indígenas, que por muitas vezes adquiriram o conhecimento/técnica da criação dos artesanatos na aldeia, preocupam-se apenas com a lucratividade e não com a valorização da cultura local. Queixas estas, expostas no discurso da Sra. M.⁴⁰ índia Desana que vive exclusivamente da venda de artesanatos e das apresentações turísticas. “Muitos vieram até nossa comunidade aprender a fazer nosso artesanato, ensinávamos e eles iam embora vender lá fora, hoje as pessoas compram em qualquer lugar, não ligam se foi feito por índios ou não, por isso não ensinamos mais para os de fora”.

Os atrativos⁴¹ ofertados pela comunidade precisam se tornar produto turístico⁴², mas para alcançar este objetivo, muito precisa ser feito. A comunidade necessita de um planejamento turístico que ajude na valorização e otimização da atividade turística e na retribuição da mesma para todos os envolvidos. Segundo Molina e Rodríguez (2001, p.81) os benefícios do planejamento podem ser observados a partir de seus conceitos (tabela 2).

Tabela 2 – Benefícios do planejamento segundo Molina e Rodríguez

1. Planejar, em seu sentido mais amplo, implica a identificação de uma série de variáveis com o objetivo de adotar um rumo de ação que, baseado em análises científicas, permite alcançar os objetivos e metas [...];
2. Planejar é prever o rumo dos acontecimentos. É um processo contínuo de tomada de decisões coerentes com os objetivos propostos;
3. Planejar é um processo sistemático e flexível, cujo único fim consiste em garantir a consecução dos objetivos que, sem este processo, dificilmente poderiam ser alcançados.

O objetivo do planejamento é de transformar uma determinada realidade com o intuito de alcançar os objetivos almejados, sejam eles quantitativos ou qualitativos.

⁴⁰ Comunitária de São João do Tupé, índia Desana filha do Pajé e curandeiro da comunidade.

⁴¹ “Conjunto de equipamentos, bens e serviços de alojamento, de alimentação, de recreação e lazer, de caráter artístico, cultural, social ou de outros tipos, capaz de atrair e assentar numa determinada região, durante um período determinado de tempo, um público visitante” (BENI, 2007, p. 177).

⁴² “O produto turístico é uma combinação de elementos materiais e imateriais de um território direcionados para uma atividade própria; engloba o patrimônio, as atrações, os equipamentos, as infraestruturas e a acessibilidade ao destino turístico, dos quais o consumidor (turista) compra uma combinação de atividades”. ARAÚJO, João. Conceito de Produto Turístico. Disponível em: <<http://knoow.net/terraselocais/turismo/produto-turistico/>> Acesso em: 07 de janeiro de 2017.

O turismo de base comunitária (TBC) pode trazer uma direta experiência de vivenciar a realidade do amazônida ou significar apenas a compra de mais um produto turístico. Contudo há um desdobramento em duas vertentes:

1 - A realidade vivida de um povo tradicional aonde seus principais meios de sobrevivência vêm da agricultura, do extrativismo, da caça e pesca de subsistência, da produção de artesanato e principiante do turismo;

2 - A consequente degradação ambiental de uma região por uma atividade desordenada de fluxo crescente, influenciada principalmente pela aproximação com a cidade de Manaus, tornando-a ainda mais vulnerável pelo fácil acesso.

Toda atividade desenvolvida de forma desordenada, expõe a cultura, tradição e história que o povo carrega em uma frágil relação de confiança entre a comunidade e o turista. Desta forma este turismo se torna invasor não trazendo benefícios para a comunidade, por outro lado, se bem planejada e ordenada, esta comunidade pode se beneficiar produtivamente de um turismo transformador, criador de oportunidade, conhecimento e desenvolvimento econômico. Esses impactos acontecem onde as atividades não são discutidas, planejadas e executadas. Os moradores precisam se envolver não só na excursão das atividades, mas principalmente no planejamento das mesmas. Desta forma é possível transformar o turismo na comunidade em uma indispensável alternativa de subsistência, promovendo a cultura que se apresenta de forma ativa. Segundo Faria (2003), a partir do momento em que se transforma o turismo em algo favorável, as ligações entre a história dos seus antepassados são reforçadas. A cultura local é valorizada, interessa ao mundo saber como as culturas conseguem permanecer viva perante a civilização.

De acordo com Luiza Elayne Correa Azevedo em *“lodges”* (2000), as operações turísticas devem olhar para além dos atrativos naturais. Atentar para os valores culturais dos destinos, enquanto atrativos, faz parte do comprometimento daquele que está usufruindo. Os aspectos de conservação, manejo e sustentabilidade das áreas naturais, incluem a participação ativa das comunidades locais e difundem a consciência ecológica através do advento da educação ambiental.

Um patrimônio nos quais todos devem cuidar e partilhar. Surge assim à importância da conscientização dos moradores. Por muitos anos a utilização para a sobrevivência vem sendo as mesmas, como: a agricultura de corte-e-queimada, exploração florestal madeireira e até mesmo a caça de fauna silvestre. Estas ações vão contribuindo de maneira involuntária na degradação do meio em que vivem.

Hoje estas áreas configuram-se como instrumentos fundamentais de desenvolvimento territorial e ambiental. Entretanto ainda exige saídas criativas de ordenamento de todo território que esta região comporta. Levando sempre em consideração todos os contextos sociais, ecológicos e políticos do baixo Rio Negro e de seus habitantes, pondo sempre em equilíbrio a qualidade de vida e a conservação do lugar onde vivem.

CONCLUSÃO

O estudo na comunidade compartilha de categorias como sustentabilidade, meio ambiente, políticas públicas ambientais e o turismo que juntas incorporam as interações sociais entre os sujeitos internos a comunidade e seus visitantes. Relacionando o turismo a uma de nossas hipóteses, supomos que a prática turística exercida na comunidade surgiu de forma espontânea, graças aos potenciais atrativos naturais da área. Os moradores aproveitaram a demanda turística do lugar como modo alternativo de complementação da renda familiar, principalmente após as reconfigurações do manejo ambiental advindos com a inserção da comunidade na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé. Não houve planejamento prévio para a execução da atividade turística, desta forma, cada morador usufruiu da oportunidade a sua maneira, contribuindo para um turismo unitário desordenado.

Aos poucos os usuários da praia e da comunidade tiveram que reconhecer o sentido das palavras sustentabilidade e meio ambiente, estão adquirindo aos poucos a consciência ambiental do espaço usufruído todos os dias. Para que assim, a vida territorial deste pequeno espaço da Amazônia consiga também ser preservada para as futuras gerações. A consciência ambiental vai sendo despertada à medida que se há percepção da importância de preservar o espaço, pois tendo os potenciais naturais preservados, se é fomentado não somente o bem estar para dos moradores, como potencialização da econômica local.

Diante das mudanças naturais do processo de desenvolvimento e estruturação, a comunidade adentrou no universo da informação e da tecnologia, se incluiu e se adequou as novas figurações. Tais mudanças socioculturais influenciaram diretamente nas práticas tradicionais dos moradores, que tiveram que se adequar as novas formas de vivência, adequando o modo de vida aos novos padrões dentro da comunidade.

Mudanças são difíceis e sua adequação não se dar de forma igualitária, desta forma resistências surgem, dando origem a pequenas tensões internas, naturais para as relações

sociais. Questões que envolvem temáticas culturais, religiosas e ambientais são as principais vivenciadas. Neste pequeno espaço a simbologia religiosa e a prática cultural dos grupos provoca divergências de opiniões entre os membros da comunidade, estando divididos entre evangélicos, católicos e indígenas crentes da cosmologia e do xamanismo.

O turismo veio contribuir para a valorização ambiental e cultural do lugar. A atividade turística destacou e ajudou na recuperação do orgulho de ser indígena, trouxe memórias castigadas pelo tempo. Perceberam o valor cultural que carregam nas veias, sua importância para a história e para sustentabilidade do local que habitam.

O sopro dos instrumentos ganhou mais fôlego, os artesanatos mais cores, assim como as famílias sendo indígenas ou não, buscam fazer do turismo uma alternativa de subsistência, aproveitando os benefícios que a atividade turística pode proporcionar. Formou-se uma teia de interdependência através do turismo. Começaram ganhando visibilidade local, com as universidades e o poder público.

Há um caminho longo a ser percorrido, mas a cada pesquisa; uma análise da comunidade é realizada permitindo um planejamento adequado, ordenando e reorganizando de forma sustentável a prática da atividade turística em São João do Tupé. Espero que este trabalho possa contribuir com a comunidade, que esta análise feita do turismo exercido na comunidade e de suas teias que entrelaçam a comunidade São João do Tupé. Que se possa despertar o desejo pelo autoconhecimento e conseguinte trazer para a atualidade uma visão crítica construtiva da realidade vivenciada pelos atores deste trabalho.

Muitas vezes as palavras técnicas precisaram ser utilizadas para que as teorias e os conceitos fossem atrelados ao fazer científico, para que não restassem apenas os escritos das páginas do diário de campo. Muito deste lugar me “alfinetava” como ser, como indivíduo de uma mesma sociedade, como pessoa no presente e como o *eu* de hoje enxerga o *eu* de amanhã. Conforme a frequência na vivência da realidade do outro aumenta, havia a necessidade de ausentar de si mesmo. Os conflitos partem de você e somente após a calmaria de tais conflitos, se é permitido olhar para o outro sem a interferência maior do eu interior. Aos poucos as análises se tornam mais apuradas, ao mesmo tempo conflituosas.

Cada morador exerce suas próprias atividades de sobrevivência, cada um busca a melhor e mais cômoda maneira de sobreviver nos dias de hoje. Os que utilizam do turismo na praia para obter alguma renda trabalham sozinhos da maneira que conseguem. Colocam suas mercadorias sobre a cabeça e levam até a praia, vencem a chuva e sol na espera de visitantes.

O turismo era a princípio, a principal linha de observação. Mas no decorrer do processo foi percebido que se tratava apenas de uma pequena ponta da linha inserido no emaranhado que caracteriza os processos de formação e construção de identidade da comunidade. Então houve a necessidade de analisar não somente o final do processo que era a oferta turística do lugar, mas toda teia de interdependência ligada à comunidade, todas as relações, os conflitos, as dificuldades e os desejos por melhora no espaço físico e humano.

Cada família que permitiu ser observada, que se permitiu fazer parte da pesquisa, deixava transparecer a sua caracterização do lugar. Cada indivíduo ali presente traz para o lugar uma representatividade diferente. Todos são importantes para o crescimento e o amadurecimento da convivência em sociedade e uma possível convivência em comunidade que ainda não foi encontrada. Ambos compartilham o mesmo espaço, mas não compartilham da mesma vivência. Claro que não estou supondo uma sociedade robótica que anda para o mesmo lado, precisamos sim andar na direção contrária muitas vezes. Viver em comunidade representa não somente usufruir da calma de um lugar pacato, mas compartilhar melhorias conjuntas, pois as extremidades do lugar não permitem a dissociação de uma vida em sociedade. Tudo está muito próximo, os filhos, a escola, o meio ambiente, o rio, a floresta, as pessoas estão logo ao lado. Até mesmo o tempo é compartilhado no mesmo movimento, tornando estreitas as diferenças entre os indivíduos presentes nesta mesma realidade. Não importa o espaço, seja ele no rural ou no urbano, as dificuldades em aceitar o outro e a lidar com as diferenças sempre estiveram presente no processo civilizador da sociedade.

Com a imagem deste lindo pôr do sol na praia do Tupé encerro este trabalho, um dos momentos mais bonitos e significativos no processo da pesquisa. Ao cair do sol e o deitar das sombras sobre as águas do lago, pude olhar para trás em um momento de auto reflexão. A pessoa no papel de pesquisadora na qual se fez presente neste espaço conseguiu captar o necessário para traduzir a realidade sob uma visão científica? Deixo a resposta para você caro leitor, que poderá, trazer novos questionamentos, refletindo sobre as diversas abordagens aqui depositadas, fazendo suscitar no amanhã novas figuras em realidades.

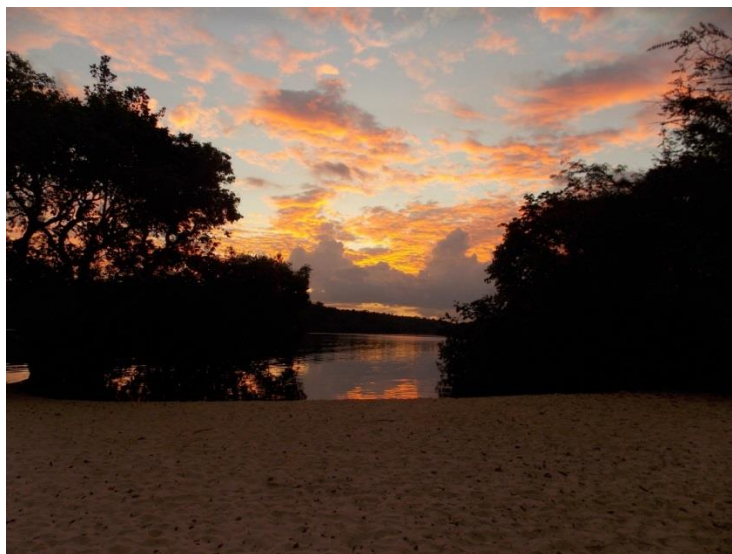


Foto 22: Os reflexos do sol sobre as águas do lago, dando adeus a mais um dia que se encerra.
Fonte: Acervo pessoal da autora

REFERÊNCIAS

Estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade/ Nobert Elias e John L. Scotson; tradução, Vera Ribeiro- Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. Introdução a Sociologia. Reimpr. Biblioteca Nacional de Portugal. Edições 70. 2008.

ANDRADE, João Bosco Ladislau de. MELLO, Márcia Eliane Alves de Souza e (org.) Práxis: meio ambiente, trabalho e cultura na Amazônia. Manaus: Edua, 2011.

_____. Indicadores de Sustentabilidade Aplicáveis a Gestão e Políticas Públicas para os Resíduos Sólidos Industriais: uma contribuição com foco no Polo Industrial de Manaus. (2012). Manaus: Edua, 2014.

ANGROSINO, Michel. Etnografia e observação participante. Portuguese language by Artmed Editora S.A. 2009.

ARAÚJO, G. P.; GELBCKE, D. L. Turismo comunitário: uma perspectiva ética e educativa de desenvolvimento. Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica, v 10, n. 3 p. 357-378, set/dez. 2008.

ARAÚJO, João. Conceito de Produto Turístico. Disponível em:<<http://knoow.net/terraselocais/turismo/produto-turistico/>>Acesso em: 07de janeiro de 2017.

ASPELIN, Paul L. Anthropological analysis of turism: indirect tourism and political economy in the case of the Mamainde of Mato Grosso, Brazil. *Annals of Tourism Research*, v. 4, n.3 p. 135-160, 1977.

AZEVEDO, Luiza Elayne Correa, 'lodges'no amazonas: (eco) turismo, envolvimento comunitário e cidadania?2000. Disponível em:

<<https://www.escavador.com/sobre/6962289/luiza-elayne-correa-azevedo>>. Acesso em: 08 de maio 2016.

BARTHOLO, R.; Sobre o lugar do Turismo de base Comunitária. In: Cristiane Barroncas Maciel Costa Novo, Jocilene Gomes da Cruz (Org.). Turismo comunitário: reflexões no contexto amazônico. Manaus: Edua, 2014.

BioTupé: Meio Físico, Diversidade Biológica e Sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central – Vol. 03. Edinaldo Nelson SANTOS-SILVA, Mauro José CAVALCANTI, Veridiana Vizoni Scudeller (Organizadores). Manaus, 2011.

BURSZTYN, I.; Comercialização no Turismo de Base comunitária: inovar é preciso! In: Cristiane Barroncas Maciel Costa Novo, Jocilene Gomes da Cruz (Org.). Turismo comunitário: reflexões no contexto amazônico. Manaus: Edua, 2014.

Carta da Terra. (2011). Disponível em: <http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/what_is.html>. Acesso em: 5 de julho de 2011.

COMAROFF, Jonh L.; Jean. Ethnicity, Inc. Chicago: the University of Chicago Press, 2009.
ELIAS, NORBERT. Was its a Soziologie? München: JuventaVerlag. 1970.

FARIA, José Henrique de. Poder e relações de poder nas organizações 2003. Disponível em: <<https://ufpr.academia.edu/JoseHenriqueDeFaria>> Acesso em 16 de janeiro de 2016.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. – 1.ed., 13. Reimpr.- Rio de janeiro: LTC,2008.

GIL, Antônio Carlos, 1946. Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo :Atlas, 2002.

GRUNEWALD, Rodrigo de A. *Os índios do descobrimento: tradição e turismo*. Contra Capa: Rio de Janeiro, 2001.

GRUNEWALD, Rodrigo de A. Turismo e etnicidade indígena: novas tendências a partir do caso Pataxó. Manaus: Edua, 2014.

Kehiri, Torãmu. *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana- Keríripõrã / Tõrãmukehíri*, Umusí Pãrõkumu; desenhos de Luiz Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995.

Kehiri, Torãmu. *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana- Keríripõrã / Tõrãmukehíri*, Umusí Pãrõkumu; desenhos de Luiz Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995.

LAGE, Beatriz Helena Gela; MILONE, Paulo César (Organizadores). Turismo: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.

LEFF, Enrique. Saber Ambiental: racionalidade, complexidade, poder. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis (RJ), Vozes, 2001.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

Manual indígena do ecoturismo. 1997. Disponível em: http://www.ecobrasil.org.br/images/BOCAINA/documentos/didaticos/mma_funaiecobrasil_manual_indigena_ecoturismo_1997.pdf Acesso em 22 de abril de 2016.

Ministério do Meio Ambiente; Turismo Sustentável; Decreto nº 7.830, de 17 de outubro de 2012. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural/turismo-sustent%C3%A1vel>> Acesso em: 22 de abril de 2016.

Ministério do Meio Ambiente; Turismo Sustentável; Decreto nº 7.830, de 17 de outubro de 2012. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural/turismo-sustent%C3%A1vel>> Acesso em: 22 de abril de 2016.

MOLINA, Sérgio; RODRÍGUEZ, Sérgio. Planejamento integral do turismo: um enfoque para a América Latina. Bauru: EDUSC, 2001.

NARDOTO, G. B. *et al.* Frozen chicken for wild fish: Nutritional transition in the Brazilian Amazon region determined by carbon and nitrogen stable isotope ratios in fingernails. *American Journal of Human Biology*. Publicado *on-line* em 31 de maio de 2011.

NÓBREGA, W. *Turismo: planejamento e políticas públicas na Amazônia*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. *As mortes do indígena no império do Brasil: o indianismo, a formação da nacionalidade e seus esquecimentos*. In: *Cultura política, memória e historiografia*. Cecília Azevedo, D. Rollemberg, P. Knauss, M. F. Bicalho e S. V. Quadrat (orgs). Fund. Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. pp. 1 – 33, 2009.

OLIVEIRA, F. T. *Ecoturismo no rio Puraquequara: alternativa para a inclusão social e proteção ambiental*. 2009. 180f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais)-Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

PIEDADE, Acácio Tadeu. *MÚSICA YE'PÂ-MASA: POR UMA ANTROPOLOGIA DA MÚSICA NO ALTO RIO NEGRO*. Florianópolis/ Brasil. 1997.

PONTES, FABIO. População tradicional da RDS do Tupé vive conflito ambiental no Amazonas. Disponível em: <http://amazonia.org.br/> Acesso em: 27 Dezembro 2017.

SANSOLO, D. G.; CRUZ, R. C. A. Plano Nacional do Turismo: uma análise crítica. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 3, n. 4, p. 1-6, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SJÖBERG, Katarina. *The return of the Ainu: cultural mobilization and the practice of ethnicity in Japan*. Chur: Harwood Academic Publishers, 1993.

SOARES, Artemis de Araújo. O corpo na Ritualística Tikuna. Manaus: Edua, 2014.

TURNER, B. et al. *The Body Social Process and Cultural Theory*. London: Sage, 1995.

VIVEIRO DE CASTRO, Eduardo, *Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio*. Mana vol.2 no.2 Rio de Janeiro Oct. 1996.

ZYGMUNT, Bauman. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Avenida Rio Negro, a única rua principal da comunidade.



APÊNDICE B: Academia ao ar livre utilizada apenas como parquinho pelas crianças



APÊNDICE C: Barraca da D. Rosa e do Sr. Ademir, única na frente da comunidade.



APÊNDICE D: Barracas de vendas na praia, todas são utilizadas aos finais de semana e feriados ofertando almoço para os visitantes.



APÊNDICE E: Pousada construída para acomodar os turistas



APÊNDICE F: Turistas internacionais e nacionais atentos a apresentação do ritual indígena no domingo.



ANEXOS

ANEXO A: Scanner da tabela de preços impostas pela empresa ACANDAF

	
Cooperativa dos Profissionais de Transporte Fluvial da Marina Do Davi	
TABELA DE PREÇO	
COM. DE N.ª FÁTIMA	
PORTO PRICIPAL.....	R\$ 8,00
IG. DO PALHETA.....	R\$ 12,00
IG. DO AÇAIZAL.....	R\$ 12,00
SÍTIO DO PICAPAU.....	R\$ 12,00
IG. SÃO JOÃO.....	R\$ 14,00
TRÊS PRETINHO.....	R\$ 14,00
FÁTIMA P/ LIVRAMENTO.....	R\$ 4,00
FÁTIMA OU LIVRAMENTO P/ EBENEZER OU JULIÃO.....	R\$ 7,00
COMUNIDADE DO EBENEZER	
PORTO PRICIPAL.....	R\$ 14,00
SÍTIO SÃO FRANCISCO.....	R\$ 16,00
IG. DO SANTINO.....	R\$ 16,00
IG. DO PERUANO.....	R\$ 16,00
IG DO CHIQUEINHO.....	R\$ 16,00
COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO	
PORTO PRINCIPAL.....	R\$ 16,00
IG. DO CAMPO.....	R\$ 20,00
PRAIA DA LUA.....	R\$ 7,00
GERIVALDO.....	R\$ 8,00
MUSEU DO SERINGAL.....	R\$ 14,00
FAZENDINHA DO PAI CHICÃO.....	R\$ 15,00
ESCONDIDINHO.....	R\$ 15,00
OBS: NO MÍNIMO P/ 5 PESSOAS	
PRAIA DO TUPÉ.....	R\$ 15,00
OBS: NO MÍNIMO P/ 10 PESSOAS	
OBS: TABELA ENTRARÁ EM VIGOR A PARTIR DO DIA 01/01/2015	
COM. DE N.ª LIVRAMENTO	
PORTO PRICIPAL.....	R\$ 8,00
IG. DA VOZINHA.....	R\$ 12,00
IG. DO BIBÍ.....	R\$ 12,00
PORTO DO LUCIANO.....	R\$ 12,00
IG. DO TACHI E DIÚNA.....	R\$ 14,00
SR. CARLOS.....	R\$ 14,00
LIVRAMENTO P/ FÁTIMA.....	R\$ 4,00
FÁTIMA OU LIVRAMENTO P/ AGRO- VILA OU S. SEBASTIÃO.....	R\$ 8,00
COMUNIDADE DE JULIÃO	
FLUT. DO SEM TERRA.....	R\$ 14,00
PORTO PRINCIPAL.....	R\$ 14,00
IG. DO SR. DURICO.....	R\$ 17,00
BARU.....	R\$ 17,00
AUXILIADORA.....	R\$ 17,00
SÍTIO BOM JESUS.....	R\$ 19,00
COMUNIDADE DO AGRO-VILA	
PORTO PRINCIPAL.....	R\$ 16,00
CHAPÉU DE PALHA.....	R\$ 20,00
COMUNIDADE DO ABELHA	
PORTO PRINCIPAL.....	R\$ 9,00
IG. DO ABELHA.....	R\$ 12,00
IG. DO ABELHINHA.....	R\$ 12,00
RANCHO VILA.....	R\$ 13,00

ANEXO B: Calendário Escolar da Zona Rural Ribeirinha Educação Infantil



CALENDÁRIO ESCOLAR 2018

Zona Rural
Ribeirinha - Rio Negro

Educação Infantil

Resolução Nº 025/CME/2017

Janeiro 01

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

20 dias - 80 h

Fevereiro 02

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28				

18 dias - 72 h

Março 03

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

22 dias - 88 h

Abril 04

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

22 dias - 88 h

Maio 05

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

22 dias - 88 h

Junho 06

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

22 dias - 88 h

Julho 07

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

22 dias - 88 h

Agosto 08

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

23 dias - 92 h

Setembro 09

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

17 dias - 68 h

Outubro 10

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

12 dias - 48 h

Novembro 11

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

Compensação/Recesso

Dezembro 12

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

Férias

LEGENDA

Feriados: 01/01; 13/02; 30/03; 21/04; 01 e 31/05; 05 e 07/09; 12, 15, 24 e 28/10; 02, 15 e 20/11; 08 e 25/12/2018

Férias: 29/11 a 28/12/2018

Início do Ano Escolar: 02/01/2018

Jornada Pedagógica: 02, 03 e 04/01/2018

Planejamento: 05/01; 17/02; 26/03; 05/05; 16/06; 27/07; 10/09/2018

Início do Ano Letivo: 08/01/2018

Dia da Solidariedade e da Paz: 08/01/2018

Recesso de carnaval: 12 e 14/02/2018

Sábados Letivos e Trabalhados: 13 e 20/01; 10 e 17/02; 03 e 17/03; 07 e 14/04; 05 e 12/05; 09 e 16/06; 07 e 14/07/2018

Compensação: 23/10 a 13/11/2018

Recesso Escolar: 14/11 a 28/11/2018

Lançamento de faltas no SIGEAM

Preenchimento de Parecer Descritivo do Desenvolvimento Trimestral da Criança: 07/04; 06/07 e 19/10/2018

Término do Ano Letivo: 18/10/2018

Término do Ano Escolar: 22/10/2018

1º Trimestre			2º Trimestre			3º Trimestre		
Início	Término	Dias	Início	Término	Dias	Início	Término	Dias
08/01	06/04	65	09/04	05/07	65	07/07	18/10	70

200 Dias Letivos- 800 Horas

ANEXO C: Calendário Escolar da Zona Rural Ribeirinha Educação Fundamental



CALENDÁRIO ESCOLAR 2018

Ensino Fundamental

Zona Rural
Ribeirinha - Rio Negro

Resolução Nº 025/CME/2017

Janeiro 01

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

20 dias - 80 h

Fevereiro 02

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28				

18 dias - 72 h

Março 03

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

22 dias - 88 h

Abril 04

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

23 dias - 92 h

Maio 05

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

22 dias - 88 h

Junho 06

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

22 dias - 88 h

Julho 07

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

23 dias - 92 h

Agosto 08

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

23 dias - 92 h

Setembro 09

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

17 dias - 68 h

Outubro 10

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

10 dias - 40 h

Novembro 11

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

Compensação/Recesso

Dezembro 12

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

Férias

LEGENDA

- Feriados: 01/01; 13/02; 30/03; 21/04; 01 e 31/05; 05 e 07/09; 12, 15, 24 e 28/10; 02, 15 e 20/11; 08 e 25/12/2018
- Férias: 30/11 a 29/12/2018
- Início do Ano Escolar: 02/01/2018
- Jornada Pedagógica: 02, 03 e 04/01/2018
- Planejamento: 05/01; 17/02; 26/03; 05/05; 16/06; 27/07; 10/09/2018
- Início do Ano Letivo: 08/01/2018
- Dia da Solidariedade e da Paz: 08/01/2018
- Recurso de carnaval: 12 e 14/02/2018
- Recesso Escolar: 15/11 a 29/11/2018
- Municipiadas: Abertura: 01/06/2018
Jogos Municipiadas: 05 a 14/06/2018
- Sábados Letivos e Trabalhados: 13 e 20/01; 10 e 17/02; 03 e 17/03; 07 e 14/04; 05 e 12/05; 09 e 16/06; 07 e 14/07/2018
- Aplicação da Avaliação de Desempenho Escolar - ADE: 25/04; 25/07 e 09/10/2018
- Compensação: 25/10 a 14/11/2018
- Lançamento de notas no SIGEAM
- Término do Ano Letivo: 16/10/2018
- Recuperação: 17, 18 e 19/10/2018
- Conselho de Classe: 22/10/2018
- Término do Ano Escolar: 23/10/2018

1º Bimestre			2º Bimestre			3º Bimestre			4º Bimestre		
Início	Término	Dias	Início	Término	Dias	Início	Término	Dias	Início	Término	Dias
08/01	15/03	50	16/03	23/05	50	24/05	31/07	50	01/08	16/10	50

200 Dias Letivos- 800 Horas

ANEXO D: TCLE utilizado durante as entrevistas semiestruturadas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO
SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da Pesquisa “No levar da correnteza: figurações na comunidade São João do Tupé”, sob a responsabilidade da pesquisadora Andreza Vidinha de Paula, a qual pretende por meio desta pesquisa compreender o significado da atividade turística para a comunidade e a consciência ambiental perante o espaço usado. Analisar as relações socioculturais entre os visitantes e a comunidade, a fim de identificar os impactos negativos e positivos deste contato direto. Por fim, traduzir sob a dissertação de mestrado as diversas figurações estabelecidas na comunidade.

Sua participação é voluntária e se dará por meio da interação social em entrevista semiestrutura, essa técnica de entrevista permite transcorrer uma conversa aberta, com respostas livres e espontâneas, dando voz ao entrevistado para falar sobre suas experiências e perspectivas diante do cenário pesquisado.

Pesquisas que envolvem seres humanos possuem riscos e para minimizá-los a pesquisa será feita com anuência do entrevistado, em lugar seguro para o entrevistado e o pesquisador, respeitando o tempo de cada um. Caso haja dano ao entrevistado, será realizado o ressarcimento de todas as despesas relativas ao estudo imediatamente após o relato do dano. Se você aceitar participar, estará contribuindo com informações necessárias para a criação de políticas públicas voltada diretamente para a prática do turismo em comunidades amazônicas. Possibilitando um planejamento turístico adequado a realidade vivida pelas comunidades receptoras.

Se depois de consentir sua participação o Sr.(a) desistir de continuar participando, tem o direito de alíngua liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr. (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço (Av. Autaz Mirim Armando Mendes, n. 1628), pelo telefone (92) 3615-7875 ou poderá entrar em contato como Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Data: ____/____/____

Assinatura do pesquisador responsável



Impressão do dedo polegar
caso não saiba assinar